



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

**Grupo de Mulheres Art's e Barro de Brejinho – PE: o enfrentamento a pobreza
e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho.**

ANTONIO ADRIANO NÓBREGA

João Pessoa – PB

Novembro 2017

ANTONIO ADRIANO NOBREGA

Grupo de Mulheres Art's e Barro de Brejinho – PE: o enfrentamento a pobreza e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho.

**Monografia apresentada à
Coordenação do Curso de Geografia da
Universidade Federal da Paraíba, para
obtenção do grau de Bacharel em
Geografia.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Emília de Rodat Fernandes Moreira

João Pessoa – PB

Novembro 2017

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N754g Nóbrega, Antonio Adriano.

Grupo de Mulheres Art's e Barro de Brejinho - PE: o enfrentamento a pobreza e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho / Antonio Adriano Nóbrega. - João Pessoa, 2017.

85 f. : il.

Orientação: Emília de Rodat Fernandes Moreira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCEN.

1. Exclusão-inclusão social- Camponesas pernambucanas. 2. Artesãs brejinhenses e empoderamento feminino. 3. Grupo Art's e Barro- Brejinho- PE. I. Moreira, Emília de Rodat Fernandes. II. Título.

UFPB/BC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

PARECER DO TCC

Tendo em vista que o aluno **Antonio Adriano Nóbrega** () cumpriu
() não cumpriu os itens da avaliação do TCC previstos no artigo 25º da
Resolução CCG/CCEN/UFPB N. 01/2016 somos de parecer () favorável
() desfavorável à aprovação do TCC intitulado:

**Grupo de Mulheres Art's e Barro de Brejinho – PE: o enfrentamento a
pobreza e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho.**

Nota final obtida: 10,0

João Pessoa, 13 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Emília de Rodat Fernandes Moreira/DGEOC/UFPB

Orientadora

Prof. Dr. Ivan Targino Moreira

Examinador interno

Ma. Noemi Paes Freire

Examinadora externa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Senhor Deus pelo dom da vida e pela oportunidade a mim permitida em realizar um sonho antigo que era concluir um curso superior numa Universidade Federal. Agradeço a Ele por todas as pessoas com as quais interagi na realização do sonho de concluir esta graduação;

A Professora Emília: grande parceira e Amiga neste curso, sobretudo nestes últimos meses, ela que, com tanta paciência, dedicação, profissionalismo e fraternidade me orientou neste trabalho de conclusão do curso;

A todas as atuais oito mulheres do grupo Art's e Barro de Brejinho – PE, pela recepção, gentileza e carinho com que me receberam e me supriram de todas as informações que busquei sobre o grupo e sobre elas;

A minha esposa pelos incentivos diários para que eu prosseguisse no curso e nestes últimos meses de dedicação para a produção deste trabalho;

A meus pais, dos quais meu pai, *in memoriam*, eles, mesmo sem nunca terem iniciado um curso superior, sempre me incentivaram, da forma como podiam, para que eu estudasse;

A todos os professores do curso de Geografia da UFPB em João Pessoa, por toda a dedicação e aprendizado a mim repassado deste o início deste curso.

Ao Professor Anieres, da disciplina de pesquisa geográfica, por seu profissionalismo, forma de incentivar e instruir a mim e aos demais alunos ao longo deste período em prol de um trabalho bem produzido.

Aos integrantes da banca examinadora deste trabalho: o Professor Ivan Targino Moreira e a Ma. Noemi Paes, ambos incumbidos de examinar este trabalho acadêmico, contribuindo, assim, para a melhoria dele e de outros futuros.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar o processo histórico de exclusão-inclusão social de um grupo de mulheres de origem camponesa pernambucanas do município de Brejinho, situado na região do Alto Pajeú que, através do trabalho com o barro, deram origem ao Atelier **Arts's e Barro** e através da atividade por elas nele desenvolvida, conquistaram autonomia, respeito, reconhecimento e visibilidade. A pesquisa de cunho analítico-descritivo baseou-se em levantamentos bibliográfico e documental e na pesquisa de campo de cunho qualitativo que contemplou a realização de entrevistas e a observação como principais técnicas. Do ponto de vista da estrutura, o trabalho está organizado em quatro capítulos além da introdução e das considerações finais. O primeiro caracteriza o espaço geográfico de Brejinho, área objeto de estudo. O segundo recupera todo processo de construção até a materialização do grupo de mulheres "Art's e Barro". O terceiro capítulo foca o processo produtivo artesanal do grupo Art's e Barro relatando todas as etapas do processo produtivo utilizado pelas mulheres para confeccionar suas peças de barro e a forma de organização do trabalho e da remuneração das mesmas. O quarto capítulo trata do processo de conversão de camponesas em artesãs independentes, ou seja, descreve a forma como se concretiza a inclusão social, econômica e cultural das mulheres, ou seja como se deu seu empoderamento através da arte do barro destacando as ONGs que as apoiam e sua recusa em transformar-se em empresa capitalista.

Palavras Chave: Exclusão-inclusão social; Grupo de mulheres; Camponesas Artesãs e Empoderamento.

RÉSUMÉ

Le but de ce travail est de décrire et d'analyser le processus historique de l'exclusion et de l'inclusion sociale d'un groupe de femmes d'origine paysanne de Pernambuco, de la municipalité de Brejinho situé dans la région d'Alto Pajeú qui, en travaillant avec de l'argile, ont donné naissance à l'Atelier Arts et Barro et à travers l'activité développée par eux, ont acquis autonomie, respect, reconnaissance et visibilité. La recherche, de caractère analytique-descriptive reposait sur des enquêtes bibliographiques et documentaires et sur des recherches de terrain de nature qualitative qui comprenait des entrevues et l'observation comme techniques principales. Du point de vue de la structure, le travail est organisé en quatre chapitres en plus de l'introduction et des considérations finales. Le premier chapitre caractérise l'espace géographique de Brejinho, l'objet à l'étude. Le second récupère tout le processus de construction jusqu'à la matérialisation du groupe de femmes "Art's et Barro". Le troisième chapitre se concentre sur le processus de production artisanale du groupe Arts et Barro, «rapportant toutes les étapes du processus productif utilisé par les femmes pour fabriquer leurs objets d'artisanat en argile et la forme d'organisation et de rémunération du travail. Le quatrième chapitre décrit la manière dont se concrétise l'inclusion sociale, économique et culturelle des femmes, c'est-à-dire leur autonomisation ("empoderamento") par l'art de l'argile, en mettant en avant les ONGs qui les soutiennent et leur refus de devenir une entreprise capitaliste.

Mots clés: Exclusion-Inclusion social; Groupe de femmes; Paysannes; Artisans; Autonomisation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS

Mapa 1 – Localização geográfica do município de Brejinho – PE (pagina 19).

FOTOGRAFIAS

Fotografias 1 e 2 – Zona rural do município de Brejinho. Poço escavado próximo à nascente do rio Pajeú completamente seco (página 21);

Fotografias 3 e 4 – Zona rural do município de Brejinho. Nascente seca do rio Pajeú (página 22);

Fotografia 5 – Micro riacho seco a poucos metros da nascente do rio Pajeú, margeado pela caatinga arbustiva desfolhada e cinzenta em período de seca (página 22);

Fotografia 6 – Zona Rural do município de Brejinho. Exemplos de vegetação predominante (página 23);

Fotografia 7 – Integrante do grupo Art's e Barro quebrando a pedra sabão com marreta. Ao fundo, bacias com barro já quebrado, no ponto de ser passado na forrageira (página 49);

Fotografia 8 – Forrageira do grupo Art's e Barro (página 50);

Fotografias 9 e 10 – Massa já misturada, antes de ser molhada; massa depois de molhada e amassada, pronta para a modelagem (página 51);

Fotografia 11 – Início da modelagem de uma panela por integrante do grupo Art's e Barro (página 52);

Fotografia 12 – Continuação de modelagem da panela da fotografia 12 (página 52);

Fotografia 13 – Objetos secos, descobertos, antes do acabamento (página 54);

Fotografia 14 – Integrante do grupo Art's e Barro dando acabamento em objetos (página 55);

Fotografia 15 – Integrante do grupo Art's e Barro dando acabamento em uma fruteira (página 55);

Fotografia 16 – Integrantes do grupo Art's e Barro dando acabamento em objetos (página 55);

Fotografia 17 – Na fase de polimento e brilho, integrantes do grupo Art's e Barro dando pulem e dão brilho em objetos (página 57);

Fotografia 18 - Integrantes do grupo Art's e Barro dando polimento e brilho em objetos (página 57);

Fotografia 19 – Acondicionamento de objetos para cozimento no forno (página 58);

Fotografia 20 – Forno do grupo Art's e Barro em processo de cozimento de objetos (página 59);

Fotografia 21 – Abertura do forno pós-cozimento e esfriamento dos objetos (página 60);

Fotografia 22 – Objetos postos para limpeza pós-cozimento e tiragem do forno (página 61);

Fotografia 23 – Objeto a ser comercializado, dois dias após o cozimento (página 62);

Fotografia 24 – Objetos em processo de embalagem para entrega ao cliente (página 63);

Fotografia 25 – Ateliê do grupo Art's e Barro com objetos expostos a venda (página 63);

Fotografia 26 – Integrante do grupo Art's e Barro expondo objeto do grupo na Fenearte – Recife, jul. 2016 (página 64);

Fotografia 27 – Estande de vendas de produtos do grupo Art's e Barro na Fenearte – Recife, jul. 2016 (página 64).

IMAGEM

Imagem 1 – Vista aérea da cidade de Brejinho – PE (página 27);

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

BDE/PE – BANCO DE DADOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO

CBHSF – COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO

CC - CARTA CONSTITUCIONAL

CMN – CASA DA MULHER DO NORDESTE

COMPESA – COMPANHIA PERNAMBUCANA DE SANEAMENTO

CPRM – COMPANHIA DE PESQUISAS DE RECURSOS MINERAIS

FENEARTE – FEIRA DE ARTES DE RECIFE

FNS – FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE

FPM – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IDHM – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL

IFECT – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

IPA – INSTITUTO AGRONÔMICO DE PERNAMBUCO

MMTR-NE - MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO NORDESTE

MS – MINISTÉRIO DA SAÚDE

MTCGU - MINISTÉRIO DA TRANSPARÊNCIA E DA CONTROLADORIA-GERAL DA UNIÃO

ODM – OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO

ONG – ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

ODS – OBJETIVO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

PB - PARAÍBA

PE – PERNAMBUCO

PEA – POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA

PIB – PRODUTO INTERNO BRUTO

PMB - PREFEITURA MUNICIPAL DE BREJINHO

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO

PSF - POSTO DE SAÚDE DA FAMÍLIA

RMPP – REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

SM – SALÁRIO MÍNIMO

SMEPE – SECRETARIA DA MULHER DO ESTADO DE PERNAMBUCO

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Sumário

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	19
ESPAÇO GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE BREJINHO – PE	19
1.1. A dialética da Natureza: o espaço natural destruído e recriado pelo trabalho do homem	20
1.2. O processo de formação do espaço brejinhense.....	23
1.3 A estrutura urbana	27
1.4. Aspectos sócio econômicos	28
CAPITULO 2	34
DA FORMAÇÃO À MATERIALIZAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES ART’S E BARRO DE BREJINHO	34
2.1 Da ideia de formação às etapas de constituição do grupo de Mulheres Art’s e Barro de Brejinho.....	36
2.2. A primeira produção do grupo Art’s e Barro	40
2.3. Art’s e Barro: grupo formado, mulheres independentes e interligadas.	42
CAPÍTULO 3	46
O PROCESSO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS OBJETOS DO GRUPO ART’S E BARRO	46
3.1. O processo de produção dos objetos de barro do grupo Art’s e Barro.	47
3.1.1. 1ª Fase do processo produtivo: a coleta da matéria prima.	47
3.1.2. 2ª Fase do processo produtivo: tratamento e transformação da matéria-prima bruta em massa argilosa.	48
3.1.3. 3ª Fase do processo produtivo: a mistura da pedra sabão com a argila	50
3.1.4. 4ª e 5ª fases do processo produtivo: a modelagem e a retirada dos excessos	51
3.1.5. 6ª fase do processo produtivo: o acabamento das peças.	53
3.1.6. 7ª fase do processo produtivo: o polimento e o brilho.....	56
3.1.7. 8ª fase do processo produtivo: cozimento dos objetos.	57
3.2. A comercialização da produção do grupo Art’s e Barro.....	62
CAPÍTULO 4	65
DE CAMPONESAS A ARTESÃS: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES COM A PRÁTICA ARTESANAL DA ARTE COM O BARRO	65
4.1. Parcerias e articulações.....	72

4.2. Enfrentando as dificuldades e resistindo à subordinação ao modelo empresarial capitalista	74
4.3. Do espaço da desesperança ao espaço conquistado.....	78
4.4. Gestão da vida e do trabalho do grupo Art's e Barro.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86

INTRODUÇÃO

Conceitos que balizam este trabalho: exclusão-social, inclusão social, gênero e empoderamento feminino, conceitos estes que embora sejam utilizados pela geografia não tenham sua origem na mesma, além de outros da geografia, como espaço e lugar, por exemplo.

O termo exclusão social teve forte influência do marxismo na década de 1960 quando esteve relacionado à marginalidade. Era “um conceito integrante da teoria que buscava entender a inserção marginal no processo produtivo capitalista nas economias dependentes da América Latina” (SCOREL, sem datação)¹

De uma forma geral até 1973 a expressão era utilizada para se referir à pobreza e às desigualdades sociais e não era objeto de muita polêmica ou debate. O que contribuiu para inverter esse processo foi a publicação de um livro de René Lenoir, em 1974, na França, com o título: “Os excluídos: um em cada dez franceses”, (SCOREL, sem datação) que se refere a situação de pobreza na França.

Todavia a noção de exclusão foi abandonada pelas ciências sociais, até meados dos anos 80 do século XX. Ela era identificada com as análises liberais da direita conservadora que considerava a pobreza e a exclusão, como resultado de uma “inadaptação individual e não uma questão social” (PICRATE, 2004).

A partir de 1985, com o aumento das desigualdades e a mudança do perfil de pobreza determinado pela dinâmica do capital globalizado a noção de exclusão social passou a integrar o debate público e acadêmico. Passa a ser usado para designar a “nova questão social” (ROSANVALLON, 1995; CASTELL, 1998), proveniente de mudanças no processo produtivo e na dinâmica de acumulação capitalista que geraram a retração do emprego inviabilizando essa via de inserção social.

Na verdade, a retomada da noção de exclusão social se deu com base em análises sobre as transformações ocorridas na organização do trabalho na sociedade globalizada, onde apenas uma minoria dos trabalhadores tinham segurança e estabilidade no emprego. A maioria dos trabalhadores se encontrava exercendo trabalho precarizado e com ameaça do desemprego. Para Dupas (1999, p. 19), “esses fenômenos estão (...) relacionados à globalização e à revolução

¹ Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/excsoc.html>

tecnológica, essencialmente poupadora de mão-de-obra”. A exclusão do trabalho remete à exclusão social.

No processo de construção do conceito de exclusão social tem se contraposto uma série de outros termos e categorias, que têm se integrado ao ‘vocabulário’ da exclusão: “desvinculação, desfiliação, desqualificação, precariedade, vulnerabilidade, marginalização, discriminação e segregação social” (SCOREL, sem datação). Por outro lado se afirma cada vez mais sua aplicação aos grupos populacionais em situações de intensa pobreza e desigualdades sociais.

Alguns dos exemplos de exclusão social da população tem a ver com a falta de oportunidade, com as injustiças sociais, com carência das condições econômicas, com a desclassificação de raça e de gênero, ou atualmente por falta de acesso a tecnologias, sendo esta última denominada de exclusão digital.

Tratando da relação entre inclusão e exclusão social Silva (2011) procurou demonstrar que “a inclusão e a exclusão são conceitos que se apresentam como funcionais ao desenvolvimento da lógica capitalista”. Ela parte do princípio de que:

(...) o sistema capitalista impõe mudanças nas relações sociais, tais como o agravamento das desigualdades sociais, em que os indivíduos são colocados em situação de vulnerabilidade social. É nessa perspectiva que entendemos que ao usar os termos inclusão e exclusão estamos reduzindo a questão social à mera forma de acesso ou não a bens e/ou direitos, abstraído sua ineliminável condição de ser constitutiva ao capitalismo.

Apesar de concordarmos com Silva (2011) dada a necessidade de viabilizar um diálogo com o empírico e este se tratar de nosso primeiro trabalho científico, buscamos entender os conceitos de forma mais simples e objetiva. Dessa forma o sentido de exclusão social adotado é o que integra o campo da pobreza e das desigualdades.

Por sua vez a inclusão social é entendida como um conceito que designa uma situação da pessoa que, por vários critérios, se insere na sociedade, da qual antes era excluída.

Quanto à sociedade brasileira marginalizada, antes da promulgação da última Constituição Federal, Chauí, (1986, p. 54) expressava: “é uma sociedade na qual as leis sempre foram armas para preservar privilégios e o melhor instrumento para a repressão e a opressão, jamais definindo direitos e deveres”. Dois anos após esta expressão ser divulgada, foi promulgada a última CARTA CONSTITUCIONAL - CC brasileira, mas daquele ano até hoje, podemos dizer, infelizmente, que não mudou

tanta coisa, em se tratando de planejamento social que objetive incluir as pessoas na sociedade, principalmente mulheres, embora esteja explícito no texto da CC o seguinte:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. BRASIL. Constituição (1988).

A sociedade brasileira continua carente de políticas públicas que visem à capacitação das pessoas para saírem da marginalidade, as quais deveriam existir e decorrerem de projetos que corroborassem com a inclusão das pessoas à sociedade.

Decorrente da passividade e cumplicidade do Estado brasileiro acerca de sua sociedade, sobretudo a mais carente e especificamente a feminina, se torna evidente que vivemos em uma sociedade que privilegia os notáveis e que já são detentores de bens, poderes e status, em detrimento dos que nem trabalho para suprir suas necessidades básicas de subsistência têm.

Podemos citar, como poucos exemplos de ações de inclusão social existentes: a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais nas escolas de ensino regular, a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho nas empresas com mais de cem funcionários e proporcionalmente, o sistema de cotas para negros, índios e estudantes egressos da escola pública nas universidades. No entanto, embora tenham seus êxitos, estas ações ainda são insuficientes perante o crescente número de pessoas desempregadas, sem teto, sem terra, sem moradia, entre outras causas, excluídas da sociedade contemporânea em que vivemos, por seu perfil neoliberal e capitalista.

Como o tema deste trabalho versa em torno da “Inclusão Social da Mulher”, logo proveniente de exclusão por gênero e por condições econômicas, convergiremos nossos esforços nesta perspectiva.

Cruz (2005, p. 39), ratificando a exclusão por gênero, afirma: “a discriminação por critério de gênero está longe de acabar.” Um exemplo prático e de apoio do Estado à discriminação da Mulher é que a “dona de casa se tornou, na última década do Século XX, objeto de escárnio social. Esquecida pelo INSTITUTO

BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE que não a considera parte integrante da população economicamente ativa.” (CRUZ, 2005, p. 40). E apesar de preconizado no inciso I do artigo 5º da Constituição brasileira que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações” (BRASIL. Constituição, 1988), não é dessa forma que ocorre na maioria das vezes, nas relações entre Estado e sociedade brasileira.

No Brasil a mulher sempre precisou lutar para conquistar a igualdade proposta na Constituição. Até o direito de votar e ser votada foi estendido à mulher brasileira apenas na Constituição Federal 1937. No entanto, o direito de ser votada foi pouco sufragado, devido a pouca participação das próprias mulheres como candidatas. Só com a força feminina, que sempre lutou pela igualdade de condições, é que foi ratificado, pela lei 9504 (BRASIL, 1997, art. 80), a obrigação de entre as candidaturas de cada partido ser reservado o mínimo de vinte e cinco por cento para candidatos de cada sexo.

Foi com o propósito de resistir à opressão e não se deixar comandar, na perspectiva de se incluir social e territorialmente, em busca de melhor qualidade de vida no lugar em que sempre viveram que um grupo de mulheres deu origem a um empreendimento econômico e social que as retirou da exclusão social no município pernambucano de Brejinho.

Neste trabalho nos interessa descrever e analisar o processo histórico de exclusão-inclusão social das mulheres que deram origem ao grupo Arts's e Barro no município de Brejinho – PE e seu conseqüente “empoderamento”.

A principal razão pela qual escolhi o tema deste trabalho, decorre do interesse de estudar a luta das mulheres do grupo Art's e Barro desde o início do meu curso, primeiro porque me chamou a atenção a importância do trabalho por elas desenvolvido e os resultados obtidos e segundo, por ser natural do município e ter percebido a ausência de estudos científicos sobre a realidade criada e transformada pelas mulheres do lugar.

Do ponto de vista metodológico sabe-se que a “metodologia define, também, os procedimentos que serão seguidos na coleta e na análise das informações.” (GONDIM, 1999, p. 20).

No encalço da afirmação da autora supracitada, levantamos e analisamos informações tanto primárias quanto secundárias, trabalhamos com a Cartografia e também realizamos uma documentação fotográfica.

As informações primárias foram obtidas através do trabalho de campo. Ao todo foram 08 visitas ao Ateliê, quando da oportunidade foram entrevistadas sete das oito integrantes do grupo, sendo que uma não a pude entrevistar porque ela não se encontrava no ateliê nos dias e horários que lá estive. Todas as entrevistadas foram interrogadas sobre suas histórias em relação ao grupo, suas motivações para enfrentar os desafios no início do empreendimento, ou na contínua rotina e também sobre todo o processo de fabricação dos objetos domésticos de barro, sobre a comercialização, as parcerias, etc. Realizamos entrevista também com a educadora e Secretária de Educação do município de Brejinho no ano de 2007, idealizadora do grupo Art's e Barro naquele ano, para avaliar o motivo da invenção e intervenção na rotina de vida daquelas mulheres.

A pesquisa bibliográfica em livros de bibliotecas da UFPB em João Pessoa, documental, bem como levantamentos de dados em sites como do IBGE, do PNUD, do IFECT, do IPA, da PMB, do BDE/PE, da CMN, da ONU mulheres, do IPEA, entre vários outros, como também em palestras, como da ex-presidente da República Dilma Rousseff, do professor e historiador Durval Muniz Júnior, complementaram a base de informações necessárias à elaboração deste estudo.

E, como cidadão brejinhense que o sou, pois lá nasci e mantenho vínculo com o lugar até hoje, o qual também me é próprio, o que me torna conhecedor da realidade do município, cuja situação contribuirá para melhor analisarmos e expressarmos sobre os dados obtidos em campo, haja vista o lugar ser o próprio campo da pesquisa.

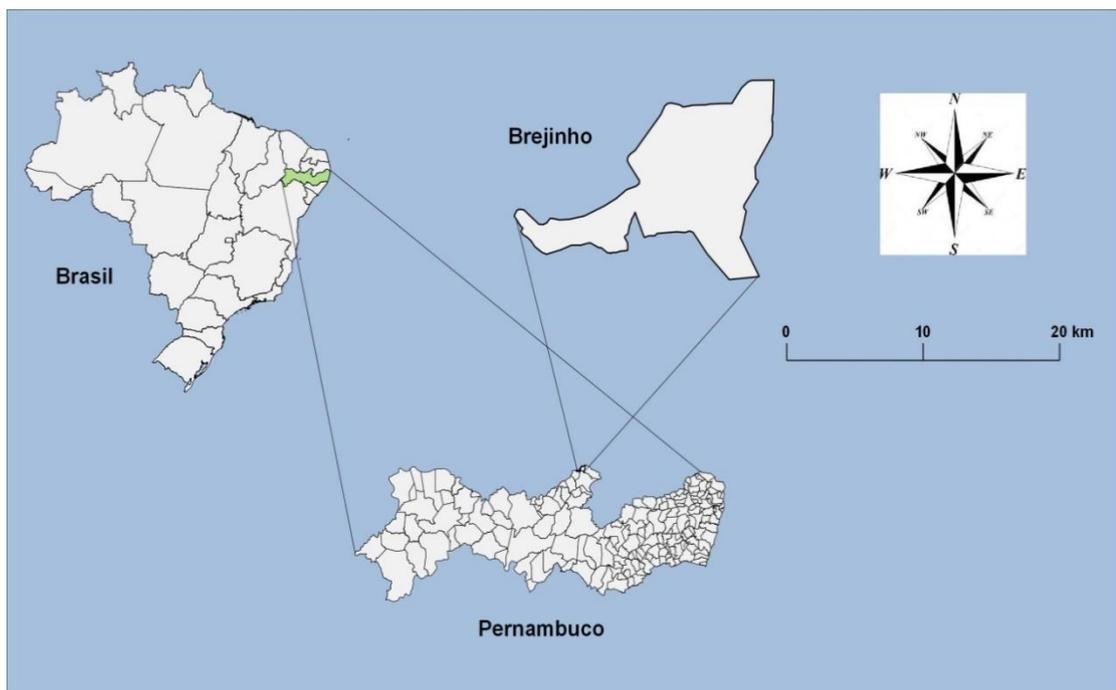
Do ponto de vista da estrutura o trabalho está organizado em quatro capítulos além dessa introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo descreve sobre fatos históricos e de formação do espaço geográfico do município de Brejinho, área objeto de estudo. O segundo destaca sobre aspectos de idealização e formação até a materialização do grupo de mulheres Art's e Barro. O terceiro capítulo caracteriza todo o processo produtivo artesanal do grupo Art's e Barro e o quarto capítulo enfatiza a passagem de camponesas sem perspectivas de trabalho, logo excluídas socialmente, para artesãs independentes, ou seja, descreve a forma como se concretiza a inclusão social, econômica e cultural das mulheres e como se deu o empoderamento delas através do trabalho artístico com o barro.

CAPÍTULO 1

ESPAÇO GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE BREJINHO – PE

O município de Brejinho está situado na Mesorregião do Sertão de Pernambuco e na porção setentrional da Microrregião do Pajeú (Mapa 1), a uma latitude $07^{\circ}20'58''$ sul e a uma longitude $37^{\circ}17'10''$ oeste, distante aproximadamente 400 km da capital do estado, Recife (PREFEITURA MUNICIPAL DE BREJINHO - PMB, 2017). Compreende uma área territorial de 106,276 km², limitando-se ao Norte com o estado da Paraíba, ao Sul com os municípios de São José do Egito - PE e Santa Terezinha - PE, ao Leste com o município de Itapetim - PE e ao Oeste com o estado da Paraíba. A sede municipal situa-se a 615m de altitude em relação ao nível do mar (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2017).

Mapa 1- Localização geográfica do município de Brejinho – PE.



Fonte: Base - IBGE. Elaborado pelo autor, 2017.

1.1. A dialética da Natureza: o espaço natural destruído e recriado pelo trabalho do homem

O município de Brejinho situa-se no Planalto da Borborema, no trecho que dá continuidade ao conhecido Conjunto Serrano da Serra de Teixeira do estado da Paraíba, em direção ao sul, na continuidade do município paraibano de Maturéia (MOREIRA, Emilia, 2017)².

As rochas cristalinas, que fazem parte do Complexo Granítico-Migmatítico Peraluminoso Recanto/Riacho do Forno e Calcialcalina de Médio a Alto Potássio Itaporanga, e os Colúvios eluviais predominam no município (IFECT, n/d). As Coberturas Elúvio-Coluviais (TQdl), presentes em aproximadamente 24 km² do município, são constituídas de sedimentos dispostos em superfície, através de tabuleiros e mesetas com altitudes que variam de 800 m a 830 m. Sua espessura máxima é de 13 m e apresenta litologia arenosa de granulometria fina com fração média e níveis argilosos (MORAIS, 1999, p. 10). Nas várzeas do rio Pajeú são encontrados terrenos sedimentares compostos por areias e argilas.

A decomposição das rochas mencionadas, associada ao intemperismo físico e químico ao longo de muitos anos, originaram solos de dois tipos: a) solos de fertilidade natural média e; b) solos de fertilidade natural alta (IFECT, n/d).

Os solos de fertilidade natural média são do tipo Planossolos mal drenados e com problemas de salinização, que predominam “nos patamares compridos e nas baixas vertentes da Depressão Sertaneja” (IFECT, n/d); os Podzólicos drenados, que ocorrem nos topos e altas Vertentes do relevo ondulado (IFECT, n/d); e os solos Litólicos rasos, pedregosos que são encontrados nas áreas de maciços residuais. Os solos de fertilidade natural alta coincidem com os Bruno não cálcicos encontrados nos topos e nas altas vertentes (IFECT, n/d).

No que se refere à hidrogeologia, um estudo realizado no município em 1999, por técnicos da COMPANHIA DE PESQUISAS DE RECURSOS MINERAIS - CPRM e da FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE – FNS do MINISTÉRIO DA SAÚDE – MS

² Apesar de toda bibliografia consultada referir que Brejinho situa-se na Depressão Sertaneja, sua altitude acima dos 700 metros e sua interligação natural com o Conjunto Serrano da Serra de Teixeira na Paraíba permite afirmar, sem dúvida alguma, segundo a Professora Emilia Moreira, que esta afirmação é equivocada e que o município situa-se no Planalto da Borborema, na continuação para sul do mencionado conjunto serrano paraibano.

constatou que em 10 poços perfurados em rocha cristalina, a vazão média identificada foi de 4,375 m³/h, o que, segundo o estudo, “pode ser considerado significativo para o meio fissural da região Nordeste Oriental” (MORAIS, 1999, p.8). Todavia, a água captada nas fraturas das rochas cristalinas apresenta baixa potabilidade para o consumo humano. Há também no município, poços cavados de modo manual nos sedimentos das Coberturas Elúvio-Colúviais. Todos esses poços, porém, segundo foi constatado na seca de 1998 e nos últimos seis anos de seca, secam completamente nos períodos de grande estiagem (Fotos. 1 e 1).

Fotografias 1 e 2 - Zona rural do município de Brejinho. Poço escavado próximo à nascente do rio Pajeú completamente seco.



Fonte: Acervo do autor. Brejinho, 15 out. 2017.

Distingue-se ainda no município, a nascente do rio Pajeú³ situada na serra do Balanço a uma altitude de 800 metros, nos limites entre os estados de Pernambuco e Paraíba (COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO – CBHSF, 2013) (Fotos. 3 e 4).

³ O rio Pajeú possui um regime fluvial intermitente e percorre uma extensão de aproximadamente 353 km. O início do seu percurso é no sentido nordeste-sudeste até a localidade de Pajeú e em seguida, no seu curso inferior, tem direção norte-sul até desaguar no lago de Itaparica, formado pela barragem no rio São Francisco. Cf. <http://www.onordeste.com/portal/sertao-do-pajeu-pernambuco/>

Fotografias 3 e 4 - Zona rural do município de Brejinho. Nascente seca do Rio Pajeú.



Fonte: Acervo do autor. Brejinho, 15 out. 2017.

A vegetação do município é a mesma da região do Pajeú, isto é, trata-se de uma caatinga hiperxerófila cujas espécies perdem as folhas durante as estiagens (Foto. 5). Hoje esta vegetação acha-se muito degradada em função do uso predatório do solo ao longo do tempo e da retirada da madeira para os mais diversos fins.

Fotografia 5 - Micro riacho seco a poucos metros da nascente do rio Pajeú, margeado pela Caatinga arbustiva desfolhada e cinzenta em período de seca.



Fonte: Acervo do autor. Brejinho, 15 out. 2017.

Abaixo se observa, pela (foto. 6), mais um exemplo da vegetação predominante no município, a caatinga, no período seco sem folhas e a presença de uma espécie de cacto, o agave, este que nas últimas décadas do século 20 era muito cultivado na zona rural do município para a extração de fibra, o que era uma

fonte de renda para muitos camponeses, e também alimentação animal em tempo de seca e falta de pastos, mas que atualmente seu cultivo foi praticamente extinto, embora resquícios do cultivo resistam a estiagem em meio a caatinga desfolhada.

Fotografia 6 – Zona Rural do município de Brejinho. Exemplos de vegetação predominante.



Fonte: Acervo do autor. Brejinho, 15 out. 2017.

1.2. O processo de formação do espaço brejinhense

O espaço, segundo Milton Santos, pode ser compreendido como um conjunto de formas que representam as relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestando-se através de processos e funções. O espaço é um campo de forças em que a formação do próprio espaço é desigual. Razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de formas iguais em todos os lugares. (Santos, p. 122).

O processo de formação do espaço de Brejinho bem como de todo espaço do Sertão do Pajeú, teve início no período pré-colonial através da presença de índios da nação Tapuia⁴.

Os tapuias pouco conheciam da agricultura, viviam como seminômades e tinham formas próprias de guerrear com tacape e lança. Tinham o milho e o feijão como cultivos principais. Usavam pouca cerâmica e não teciam; dormiam em estrados de madeira (jiraus). Havia aldeia na margem do rio que podia ter até mil moradores⁵.

Os tapuias resistiram por longo tempo à dominação do seu povo e do seu território pelo branco colonizador. Com seu quase total extermínio o território do

⁴ Cf. <http://cabrasdelampiao.com.br/?p=105>

⁵ Cf. <http://cabrasdelampiao.com.br/?p=105>

Pajeú submeteu-se ao processo de exploração colonial, sendo ocupado inicialmente com a pecuária e a policultura alimentar. A expansão do algodão no Século XVIII deu origem ao que Moreira e Targino (1997) denominam de sistema gado-algodão-policultura alimentar desenvolvido em grandes propriedades e em sítios.

A localidade onde foi edificado o primeiro núcleo de habitação de Brejinho só teve seu povoamento efetivo no início do século XX relacionado a dois fatos: a) a possibilidade de se obter água no lugar e à migração, sobretudo da população vizinha, da Paraíba, em busca do mesmo fator de atração: a água.

Segundo relato de um dos primeiros habitantes do lugar, o Senhor Amaro Simão da Silva⁶, no início do Século XX, havia um baixio na entrada ao sul da atual sede municipal⁷ onde se cavavam cacimbas nos tempos de seca para tirar água a fim de suprir as necessidades dos moradores de sítios próximos dali e de outros distantes que lá vinham cavar, pois facilmente encontravam o líquido tão necessário à vida. Foi assim, que, de tanto as pessoas se dirigirem àquele lugar para escavar a terra e captar a água que dela minava, que estas mesmas pessoas passaram a chamar aquele lugar de “Brejinho”, numa alusão a brejo, a lugar frio e úmido, aquoso, que tem água no solo ou no subsolo raso.

A partir da constatação da possibilidade de obtenção de água cavando cacimbas, algumas pessoas, advindas da Paraíba e de outras localidades próximas começaram a habitar aquele lugar, ali construindo humildes casas de taipa.

Ainda hoje em Brejinho são perfurados poços artesianos em épocas de seca. Nos últimos anos, esses poços têm sido escavados em alguns logradouros da cidade. Eles amenizam o sofrimento do povo brejinhense que busca a água que não se encontra mais nas torneiras nem nos reservatórios do município.

⁶ O Senhor Amaro Simão da Silva foi um dos primeiros habitantes de Brejinho. Era agricultor e muito amigo de meu pai. Por muitas vezes eu o ouvi falar como foi que Brejinho surgiu. Esta história da cacimba que o povo ia cavar para tirar água, por exemplo, eu o ouvi falar muitas vezes nas longas conversas mantidas entre 1988 e 1998 na nossa casa. Este senhor hoje já falecido, gostava de falar de coisas do início da cidade, como aconteceu, sobre as primeiras casas, de taipa, a primeira feira, a primeira missa... era um historiador natural. Ele era irmão do primeiro prefeito constitucional do município. Até na escola, me lembro que ele era convidado a dar palestras sobre história do município de Brejinho.

⁷ Este baixio fica ao lado da sede do município e margeia a pedra grande, ponto turístico do município na divisa entre este e o vizinho de Itapetim - PE, próximo ao ateliê do Art's e Barro.

Quando o primeiro núcleo de habitação já se transformara em um pequeno povoado, o lugar passou a ser chamado de “Povoado do Brejinho de José Nunes” (PMB, 2017), sendo o José Nunes um proprietário de terras naquele lugar.

Em 19 de março de 1929 foi celebrada a primeira missa no povoado, debaixo de um frondoso pé de baraúna, situado entre humildes casas de palha e taipa, missa celebrada pelo Padre João Leite Gonçalves de Andrade, da Paróquia do Distrito de Umburanas, distante 16 km dali, distrito este pertencente ao município de São José do Egito, município mais próximo de Brejinho, distante 17 km ao sul deste (PMB, 2017).

Na mesma data da missa, no mesmo espaço, foi realizada a primeira feira do povoado, em torno da mesma baraúna e entre as casas de taipa e palha, com a presença de vários feirantes vindos de espaços vizinhos. No mesmo ano, 1929, como testemunho de religiosidade do povo do lugar, deu-se início a construção de uma capela, em homenagem ao santo São Sebastião, atual padroeiro de Brejinho (PMB, 2017).

Em torno da capela foi se estruturando a primeira rua da atual sede municipal, onde casas foram sendo construídas. A esse logradouro se deu o nome de José Nunes, mais uma vez em alusão ao latifundiário do lugar. E assim prosseguiu o povoado contido no território do município de São José do Egito até o dia 29/12/1953. Nesta data a Vila de Itapetim, antigo distrito de Umburanas, até então vinculada ao município de São José do Egito se desmembrou deste, pela lei estadual de número 1.818 de 29/12/1953 passando a categoria de município. Com esta elevação à categoria de município, Itapetim incorporou em seu território o povoado, já denominado “Vila de Brejinho”. Pela lei municipal de número 14/62 de 10/04/1962 Itapetim, distrito sede do município de mesmo nome, eleva a Vila de Brejinho a condição de seu distrito. Posteriormente, pela lei estadual de número 4.996, de 20/12/1963 o distrito de Brejinho é desmembrado do município de Itapetim e elevado à categoria de distrito sede do município de Brejinho, cuja instalação ocorreu em 20 de março de 1964 (IBGE 2017; PMB 2017).

A primeira povoação do município de Brejinho, cuja sede se situa no alto curso do Rio Pajeú, rio que dá nome a Microrregião do Pajeú, constituiu-se, na sua

maior parte, de gente procedente do estado da Paraíba. Presumimos que isto se deva à proximidade do distrito sede do município de Brejinho com o território paraibano em especial com os municípios de Teixeira e Maturéia dos quais dista aproximadamente 20 km. Tal presunção torna-se praticamente incontestável quando se pesquisa a história de formação de municípios e cidades paraibanos próximos, como Teixeira, por exemplo. Esta, situada ao norte da cidade de Brejinho, teve seu povoamento iniciado na segunda metade do século XVIII, enquanto que o município pernambucano mais antigo, próximo de Brejinho, São José do Egito, teve seu povoamento iniciado na primeira metade do século XIX (IBGE, 2017).

Portanto, pela formação do município de Teixeira ter se iniciado primeiro que o de municípios pernambucanos próximos a Brejinho, como o supracitado, pode-se subentender que pessoas paraibanas interferiram no povoamento incipiente de Brejinho. Outra presunção que enfatiza a formação principiante da sociedade brejinhense, na maior parte, como oriunda do estado da Paraíba, é que muitos dos idosos existentes no lugar há 20 anos ou mais, eram naturais de cidades paraibanas, como Taperoá, Teixeira, Sumé, etc. origens estas que são relatadas por eles próprios. Um exemplo desta realidade são meus pais, ambos procedentes dos municípios paraibanos de Taperoá e Sumé, respectivamente. Eles contavam que vieram para Brejinho, assim como muitos outros que conheci, fugindo da seca que assolava o Cariri, e sua terra natal. Mudaram-se em busca de terras e melhores condições pluviométricas para plantar e formar famílias. Eles contavam que as famílias faziam estas mudanças a pé e no lombo de animais, pois não havia carros na época para pessoas do campo se deslocar de um lugar para outro.

Foi assim que o espaço natural da caatinga espraiada no relevo semiondulado da superfície sertaneja, cuja monotonia era quebrada pela presença de maciços residuais cujos topos apresentavam uma caatinga predominantemente arbórea, sofreu profundas transformações ao longo do tempo transformando-se em espaço social (MOREIRA, 2000). O trabalho do homem e suas modificações históricas para atender suas necessidades originou um município com especificidades próprias, as quais estão em constante processo de transformação.

Atualmente, Brejinho é um município formado pela sede, a cidade, e três povoados em sua zona rural: Placas de Piedade, distante 8 km ao norte da sede

municipal; Lagoinha, distante 12 km a oeste da sede municipal e Vila de Fátima, distante 14 km a oeste da sede municipal.

1.3 A estrutura urbana

Na cidade de Brejinho, retratada na Fig. 7, se concentra quase toda a infraestrutura pública, comercial, de serviço e industrial do município.

Imagem 1 – Vista aérea da cidade de Brejinho – PE.



Fonte: Imagem do Google Earth, extraída em 14/08/2017.

O Comércio é bem limitado, constituído, principalmente de dois postos de gasolina; dois frigoríficos; dez supermercados e mercearias; cinco pontos de venda de material de construção, vários bares, uma boate; três lojas de eletrodomésticos; uma livraria; uma farmácia veterinária; duas óticas; três lojas de sapatos; duas lojas de roupa; uma casa lotérica; uma pizzaria e três bares restaurantes⁸.

O setor de serviços é representado por duas oficinas para carros, três para motocicletas e uma para bicicleta; duas copiadoras; uma distribuidora de gás de cozinha; uma unidade da COMPANHIA PERNAMBUCANA DE SANEAMENTO - COMPEA; uma unidade do INSTITUTO AGRONÔMICO DE PERNAMBUCO - IPA; uma Igreja Católica; algumas Igrejas protestantes de correntes diferentes; um

⁸ Dados estes obtidos através de levantamento próprio, in loco, no primeiro semestre de 2017.

POSTO DE SAÚDE DA FAMÍLIA - PSF; um hospital maternidade (quase sempre sem atendimento as gestantes em iminência de parto); uma escola estadual; uma escola municipal; uma agência de Correios (única representação federal no município); cabeleireiros; uma delegacia de Polícia Militar do estado de Pernambuco (quase sempre sem policiamento)⁹.

O setor público é composto pelos órgãos públicos municipais: a câmara de vereadores, a prefeitura e seus diferentes setores: administração, agricultura e meio ambiente, assistência social, controle interno, educação, finanças, obras e urbanismo e saúde (PMB, 2017).

A indústria é representada basicamente por duas serralherias, duas panificadoras e uma marcenaria. Aqui se pode incluir o ateliê do grupo de Mulheres Art's e Barro¹⁰.

Nos povoados estão instalados alguns pontos de comércio como mercearias, barezinhos, boates, além de representações do poder público municipal através de uma escola de nível fundamental e um PSF em cada um dos povoados. Igrejas Católica e Protestante também se fazem presentes nos povoados¹¹.

1.4. Aspectos socioeconômicos

A população do município de Brejinho em 2010 era de 7.307 habitantes, e a densidade demográfica de 68,75 hab/km² (IBGE, 2010). Em 2017 a previsão do IBGE é de que o município já conte com 7.465 habitantes. (IBGE, 2017).

Em 2010, ainda segundo o IBGE, o município contava com 2.131 domicílios particulares ocupados, dos quais 1.059 localizavam-se na zona urbana e 1.072 na zona rural. O número médio de moradores por domicílio era de 3,42 (IBGE 2010).

Das 7.307 pessoas residentes no município, 3.386 viviam na zona urbana, enquanto que 3.921 viviam na zona rural (IBGE 2010). Constata-se assim que 46,34% da população do município residiam em 2010 na zona urbana.

A principal fonte de renda da população urbana economicamente ativa de Brejinho vem do emprego público municipal, incluindo efetivos e contratados,

⁹ Dados estes obtidos através de levantamento próprio, in loco, no primeiro semestre de 2017.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

beneficiários do Programa Bolsa Família, comerciários e prestadores de serviços. Outra importante fonte de renda no município é a aposentadoria de pessoas a partir de 55 anos de idade, no caso das mulheres camponesas e dos homens a partir dos 60 anos. Grande parte da população tem ou teve alguma complementação de renda oriunda do campo. Há também os desempregados por falta de opção de trabalho. Em períodos chuvosos, muitas pessoas residentes na zona urbana buscam atividades na zona rural, na prática da agricultura e pecuária. Dados estes obtidos através de levantamento e acompanhamento próprios da dinâmica econômica do lugar nos últimos anos.

Segundo o IBGE, a população rural era maior do que a urbana em 2010, representando 53,66% da população total do município. Isto incluindo os habitantes dos três povoados. Pode-se dizer que o município de Brejinho ainda é um espaço onde o rural ainda predomina, embora haja pessoas que, apesar de residirem na zona rural, têm atividades urbanas. Muitas das pessoas que trabalham no serviço público municipal ou no comércio, ou na indústria, tanto na zona urbana quanto na rural, têm ocupação também em atividades da agricultura e da pecuária. Isto revela que os munícipes têm uma interação campo cidade muito intensa, fato decorrente do tamanho do município e sua falta de oportunidade de emprego formal, por isso as pessoas, na maioria procedente da agricultura, utiliza-se de atividades complementares em prol da composição da renda necessária à subsistência, fato muito peculiar das pessoas de origem camponesa.

Os residentes na zonal rural sempre se dedicaram a agricultura e a fruticultura, cultivando, principalmente: milho, feijão, mandioca, batata doce, arroz, castanha de caju, manga, banana, goiaba, etc. Na pecuária a principal atividade das últimas duas décadas tem sido: avicultura, bovinocultura, caprinocultura, suinocultura e ovinocultura. (IBGE 2007, 2016).

Todas estas práticas, tanto da agricultura como da pecuária, principalmente milho, feijão, galináceos e bovinos, têm sido muito afetadas e reduzidas drasticamente nos últimos seis anos pela seca que aflige o lugar, degradando pastagens e dificultando bastante o acesso à água (IBGE 2007, 2016).

Nesse período de seca a pluviosidade esteve sempre abaixo da média histórica do município, que varia entre 550mm e 750mm nos meses mais chuvosos

em períodos climáticos normais (janeiro a junho). Neste período, nos anos de 2012, 2013 e 2015 a média pluviométrica municipal não chegou a 390 mm. Nos dois primeiros anos da seca (2012 e 2013), a pluviosidade média no período mais chuvoso ficou abaixo de 180 mm em 2012 e de 270 mm em 2013. A consequência principal dessa rigorosa seca foi o esvaziamento dos vários e mais demandados reservatórios d'água do município, deixando assim a situação hídrica do lugar vulnerável para enfrentar os anos posteriores sem água oriunda dos reservatórios. (IPA, 2017).

Outro fator que também tem contribuído para a retração da produção agrícola municipal é a oferta de produtos procedentes de outras regiões do país, vendidos nos supermercados e mercearias a preços mais baratos que os produzidos localmente. Como houve queda na produção de galináceos e bovinos, também se reduziu a produção de ovos e leite, o que incrementava a renda do pequeno produtor rural, cuja produção é destinada principalmente à garantia da sobrevivência de sua família.

Segundo estimativa do IBGE para o ano de 2015, o salário médio mensal no município era de 1,6 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação ao número total de habitantes seria de 7,6%, correspondendo a 568 pessoas trabalhando formalmente. Isto coloca o município, quanto à média mensal salarial, no 123º lugar no estado, que tem 185 municípios e em 4.253º no Brasil, no total dos 5.570 municípios existentes (IBGE, 2015). Quanto à relação entre o número de pessoas trabalhando formalmente e a população total, o município ocupa a posição 86º entre os 185 municípios do estado e a 4.113º dentre as 5.570 municípios do país (IBGE, 2015).

É importante destacar que em 52,5% dos domicílios existentes em Brejinho, o rendimento mensal per capita é de no máximo meio salário mínimo, o que coloca o município na 58ª posição no estado de Pernambuco (IBGE, 2015). Apenas 7,6 % dos que trabalham detêm renda média mensal de 1,6 salários mínimos, o que vale dizer que a grande maioria da população que trabalha percebe uma remuneração inferior a 2 salários mínimos. Estes números mostram o baixo padrão de renda da maior parte da população residente no município.

No ano de 2009, segundo o Estudo Técnico nº99, da Associação Transparência Municipal, 3.723 habitantes, ou seja, mais da metade da população de Brejinho vivia em situação de extrema pobreza, isto é, tinha uma renda média abaixo de um quarto do salário mínimo (TRANSPARÊNCIA MUNICIPAL, 2010).

Do início dos anos 90 do século XX até o final dos primeiros 10 anos do século XXI, indicadores como o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)¹² era muito baixo: 0,271 em 1991 (nível baixo), 0,401 em 2000 (nível baixo) e 0,574 no ano de 2010 (nível médio), este último colocando Brejinho na posição 131º no estado de Pernambuco e 4.820º no Brasil, entre 185 e 5.570 municípios, respectivamente.

No ano de 2003, a incidência de pobreza no município era de 60,35% o que aumentava se considerada a pobreza subjetiva, alcançando 70,27% da população (IBGE 1991, 2000, 2010).

O índice de Gini¹³ de concentração de renda do município era de 0,68 em 1990, de 0,60 em 2000 e 0,49 em 2010, sendo as posições em âmbito estadual quanto à concentração de renda 2º, 44º e 131º, nos anos de 1990, 2000 e 2010 respectivamente, entre os 185 municípios do estado (BASE DE DADOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO – BDE, 2017). Pelos dados, se tomados em consideração os índices de Gini acima expressos, percebe-se que a distribuição de renda tem melhorado no espaço brejinhense deste o início da última década do Século XX até o último levantamento, ocorrido em 2010, embora a maioria da população ainda sobreviva com tão baixos índices de renda, conforme demonstrado na tabela 1, abaixo.

De fato, em 2010, segundo o censo demográfico do IBGE, além da maior parte da população econômica ativa – PEA do município não ter nenhum rendimento mensal (Tabela 1), os que tinham rendimento maior do que 3 até 30 salários

¹² O IDHM, assim como o IDH Global, considera as dimensões longevidade, educação e renda, mas adaptada à realidade de cada município brasileiro, ou seja, a avaliação ocorre em âmbito municipal, o que proporciona maior transparência, objetividade e realidade. O IDHM é medido de 0 a 1, sendo quanto mais próximo de 1 melhor a situação municipal nas três dimensões avaliadas.

¹³ O índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um, sendo que o valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda e o valor um está no extremo oposto, ou seja, uma pessoa detém toda a riqueza (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA, 2017).

mínimos correspondiam a apenas 79 pessoas, o que representava 1,3% da PEA total (Tabela 1). Enquanto isso, 2.655 pessoas (43,7% da PEA total) tinham uma renda que variava de até $\frac{1}{4}$ do Salário Mínimo – SM a 1 SM mensal. Isso, somado à PEA sem rendimento, que representava também 43,7% do total tem-se que 87,4% da PEA (Tabela 1) sobreviviam com uma renda muito baixa, traduzindo não só um nível elevado de pobreza, mas também uma forte desigualdade na distribuição de renda no município, o que caracteriza situação contraditória quanto à melhora da condição de vida através da distribuição de renda tomando-se por base apenas os índices de Gini acima expressos. Comparando o rendimento da PEA rural e urbana de Brejinho constata-se que essa desigual distribuição de renda é maior na população rural do que na urbana (Tabela 1).

Tabela 1 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por situação do domicílio segundo as classes de rendimento nominal mensal.

Classes de rendimento nominal mensal	Pop.total		Pop. Urbana		Pop. Rural	
		%		%		%
Até 1/4 de salário mínimo	762	12,5	282	10,0	480	14,8
Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	421	6,9	198	7,0	223	6,9
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	1472	24,2	789	27,9	683	21,0
Mais de 1 a 2 salários mínimos	586	9,6	311	11,0	275	8,5
Mais de 2 a 3 salários mínimos	103	1,7	72	2,5	31	1,0
Mais de 3 a 5 salários mínimos	62	1,0	50	1,8	12	0,4
Mais de 5 a 10 salários mínimos	15	0,2	10	0,4	5	0,2
Mais de 20 a 30 salários mínimos	2	0,03	2	0,1	-	-
Sem rendimento	2653	43,7	1117	39,5	1536	47,3
Total	6076	100,0	2831	100,0	3245	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

No que se refere ao Produto Interno Bruto per capita do município, em 2014 ele equivalia a R\$ 6.376,65, valor este que na comparação com os demais municípios do estado colocam Brejinho em 137º entre os 185 municípios, e na comparação com o Brasil, em 4.843º de 5.570 municípios (IBGE, 2014). Em 2015, o município tinha 94,6% do seu orçamento proveniente de fontes externas, sendo a maioria deste valor oriundo do Fundo de Participação dos Municípios – FPM (FPM; IBGE, 2015).

Constata-se, com base no exposto, que a condição de pobreza da população do município de Brejinho embora tenha melhorado bastante nos últimos 19 anos, é ainda muito grande. E a melhoria obtida na condição de vida dos habitantes, embora pequena, deve-se fundamentalmente a programas sociais do governo federal, como o Bolsa Família, por exemplo, com seus 1.411 beneficiários em 2017, cuja cobertura no município atinge 19,3% da população com recebimento médio mensal por pessoa de R\$ 124,93, o que já proporcionou uma injeção de mais de dois milhões de reais na economia do município só neste ano (PAINEL MUNICÍPIOS DO MINISTÉRIO DA TRANSPARÊNCIA E DA CONTROLADORIA-GERAL DA UNIÃO – MTCGU, 2017), a contratação de trabalho por parte do poder público municipal, ao aumento no comércio local de novas vagas e pela elevação do valor real do salário mínimo obtido a partir do início do século atual, sendo os beneficiados os funcionários formais e principalmente aposentados que recebem, no mínimo, um SM mensal, o que tem também alavancado a economia local. Portanto, fatores como o programa de distribuição de renda do governo federal, contratações por parte do poder público municipal, aumento de vagas no comércio e o direito a aposentadoria para mais pessoas são os responsáveis diretos pelo melhoramento das condições sociais do brejinhense.

Foi desse quadro de baixíssima renda para a maioria da população, de exclusão social e de infraestrutura incapaz de atender aos seus munícipes, de falta de trabalho para as pessoas, tanto no meio urbano quanto no rural, que surgiram as mulheres artesãs do barro no município e se constituiu o grupo Art's e Barro de Brejinho.

CAPITULO 2

DA FORMAÇÃO À MATERIALIZAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES ART'S E BARRO DE BREJINHO

O espaço brejinhense, constituído por sua gente, cultura, história, poder público, território, etc., como foi demonstrado, tem uma população muito pobre e uma má distribuição de renda. Ele é a expressão do que Milton Santos denomina de “um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (SANTOS, 1978, p.122).

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

A frágil infraestrutura existente, incapaz de atender a maior parte da população residente no município não afeta a camada dos mais privilegiados que dispõem dos meios de suprir essa deficiência em centros urbanos maiores. É o caso da falta de hospital capaz de atender as necessidades da população. Embora haja uma unidade de saúde na sede do município, na cidade, denominada de hospital e maternidade, ela não oferece a assistência adequada a mulher quando da iminência de parto, trabalho este que, a depender da complexidade do caso e do horário, tem-se que recorrer a assistência noutro município onde nem sempre se encontra vaga nas maternidades.

Se a necessidade for de doença ou acidente, que demande assistência urgente e adequada, o munícipe precisa apelar por transferência para atendimento noutras cidades, e a depender da complexidade do caso, em cidades muito distantes, como Serra Talhada, Caruaru, Campina Grande, Recife, entre outras, às vezes nem dando tempo de a pessoa chegar à cidade pretendida para ser atendida, ou mesmo nem saindo de Brejinho.

Esta é a situação também da segurança pública, tão precária que em certos períodos e dias não há policiamento algum no município. Casos pessoais e corriqueiros que demandem serviços bancários, na maioria e os mais complexos, também provocam nas pessoas a necessidade de deslocamento a municípios vizinhos, pois em Brejinho não há agências bancárias.

Toda essa carência de serviços básicos interfere pouco na vida do cidadão mais favorecido que dispõe de transporte privado e de recursos para buscar suprir suas necessidades em municípios mais estruturados.

Essa diferenciação entre os que têm e os que não têm acesso aos bens e serviços coletivos, numa sociedade municipal, nos remetem a uma análise feita por Moreira (2000) quando afirma que o espaço reproduz a lógica do modo de produção e da sociedade que lhe deu origem. Assim, numa sociedade como a nossa pautada no modo capitalista de produção a desigualdade social é o elemento fundamental de caracterização desse espaço.

Assim sendo, nos parece que nesta definição de Moreira esteja o fundamento da realidade brejinhense, pois assim como noutros lugares, a desigualdade social compreendida como o privilégio de acesso de uma minoria a renda, bens e serviços de qualidade, se dê em detrimento da exclusão social da maioria da população. Como bem definiu a ex-presidente Dilma Rousseff: “(...) a lógica do privilégio no Brasil, está ligada a lógica da exclusão. A exclusão social e o privilégio andam de mãos dadas (...)”¹⁴

Os privilégios existentes ao lado da exclusão social (exclusão por escassez de recursos para suprimento de necessidades básicas, ou por gênero, falta de trabalho, capacitação profissional, por raça, por escolha partidária, religião ou por outro aspecto qualquer), cria relações de dominação e de subordinação e por vezes de insubordinação por parte dos subordinados. Como dizia Maquiavel no século XVI: “em toda Cidade há dois desejos: o dos Grandes, de oprimir e comandar, e o do povo, de não ser oprimido nem comandado” (MAQUIAVEL, 1513 apud CHAUI, 1986, p. 159).

¹⁴ Palestra da ex-presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, no auditório da reitoria do campus I da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em 22/07/2017.

No espaço brejinhense isto não é diferente, pois havia muito, e ainda persiste, o estereótipo de que as pessoas que detêm mais condições financeiras, ou parecem tê-las, mais do que a maioria das outras que menos recursos têm, é que são “da sociedade”. Isto porque tais pessoas se apresentam ou aparecem mais, logo se impondo como superiores as demais. E o pior é que há pessoas entre as excluídas que se resignam perante esta falsa ideia de sociedade, mantendo este ego de superioridade de outrem, em detrimento da dignidade própria, fato que exclui, divide e atrasa o desenvolvimento pessoal e do lugar.

E o lugar, enquanto porção do espaço é algo que cativa às pessoas, com o qual há um vínculo, uma identificação pessoal, um afeto. E mesmo diante das dificuldades decorrentes da exclusão social persiste em parcela da população a esperança de um amanhã menos sofrido. Parcela dessa população busca então construir novos espaços de vida seja migrando para centros maiores seja buscando aproveitar oportunidades que aparecem no próprio lugar.

Na perspectiva de promover empoderamento às mulheres pobres da sociedade brejinhense incluindo-as de forma menos desigual naquele espaço, se originou o grupo de mulheres Art's e Barro de Brejinho.

2.1 Da ideia de formação às etapas de constituição do grupo de Mulheres Art's e Barro de Brejinho

Segundo a idealizadora do grupo de mulheres Art's e Barro, que foi Secretária Municipal de Educação do município em 2007, a ideia de formação do grupo surgiu a partir de sua preocupação em ver tantas mulheres jovens, sem trabalho e sem qualificação profissional, muitas com filhos para criar, oriundas da agricultura e da pecuária, logo excluídas socialmente, num município em que tais atividades econômicas não garantem o suprimento das necessidades básicas de subsistência para as pessoas. A maioria destas mulheres ficava a espera de uma oferta de trabalho procedente do poder público municipal, para elas, pais, filhos, cônjuges e companheiros¹⁵, sem que o poder público municipal dispusesse de oferta de trabalho para tanta gente necessitada. Para melhor entender o processo utilizamos o relato da idealizadora do Projeto.

¹⁵ Aproveitando-se dessa realidade nos períodos eleitorais os candidatos ao poder público municipal “compram votos” e prometem “ajudas”, reproduzindo de outra forma o famoso “voto de cabresto”.

Eu via tantas mulheres sem trabalho, muitas com filhos no colo, outras grávidas; todas com muitas necessidades pessoais. Tantas com os maridos ou pais também sem trabalho, tudo esperando chuva para plantar, algum trabalho não sei onde, ou mesmo algum trabalho da prefeitura municipal, sem que esta tivesse como atender a tanta gente. E o pior é que todas ou a maioria destas pessoas sem qualificação profissional nenhuma para trabalhar, assim como seus maridos, as que tinham, o que tornava a situação mais difícil. Aí eu pensava o que fazer por estas pessoas. Então só me vinha na cabeça tentar ajudar arranjando para elas uma alternativa de trabalho, que não fosse na roça, por que essa não supria mais as necessidades delas nem na prefeitura, porque essa não tinha como atender a todo mundo. Foi aí que pensei em formar grupos com mulheres... para atividades diferentes. Com barro, no mesmo ano de início do Art's e Barro juntamos mulheres noutro grupo, lá na Vila Mariana... mas não deu certo. Era difícil, principalmente porque não se encontrava tantas mulheres com disposição para querer inventar algo para mudar sua própria história, mesmo convidadas e incentivadas para isso. Mesmo assim eu tentei e o grupo das mulheres do Art's e Barro tá dando certo". (Informação verbal)¹⁶.

Segundo informações obtidas em entrevistas realizadas com sete das mulheres que integram o grupo Art's e Barro, todas procedem da zona rural do município; eram agricultoras, atividade de seus pais.

As atividades agrícola e agropecuária no município de Brejinho, por vários problemas, principalmente devido às secas prolongadas, a falta de planejamento para o enfrentamento destas secas e a falta de técnicas de aperfeiçoamento das atividades que visem maiores e melhores produções propiciam a migração campo-cidade. Isto porque não sendo suficiente o trabalho no campo para suprir as necessidades mínimas de subsistência, como alimentação, vestimentas, moradia e remédio, acaba por expulsar os agricultores e as agricultoras que vão tentar trabalho na cidade. Este é o caso no qual se inserem as mulheres integrantes do Art's e Barro.

Conforme informação verbal da secretária de educação do município do ano de 2007, o grupo de mulheres Art's e Barro não foi o único empreendimento, visando à arte com o barro, da mesma idealizadora com mulheres de Brejinho, pois em meses anteriores ao início do Art's e Barro ela havia organizado outro, este situado na saída ao norte da cidade, na margem direita da Rodovia PE 110, da cidade de Brejinho a divisa com o estado da Paraíba, no arruamento Vila Mariana, com trinta e

¹⁶ Entrevista com a idealizadora do grupo no ano de 2007. Brejinho, 30 de jun. 2016

seis mulheres, mas que não prosperou, por falta de credibilidade no empreendimento pelas próprias mulheres. Da mesma forma tentou organizar outros grupos, com mulheres do lugar, para trabalhos artísticos diferentes, mas que também não prosperaram.

A ideia desde o início era levar as mulheres a trabalhar com a arte do barro, muito tradicional no Nordeste. Porém a experiência negativa anterior levou-a a buscar uma mestre de louça capacitada como ela relata.

Quando eu decidi organizar o grupo eu já tinha em mente o que as mulheres deveriam aprender e fazer, seria a arte com o barro, mas desta vez eu queria que não acontecesse como aconteceu com o grupo anterior, lá da Vila Mariana, que também iniciamos com o barro, mas como não tivemos uma pessoa muito capacitada para treinar as mulheres, elas acharam tudo muito difícil, não aprenderam a manusear o barro e logo desistiram. Com este novo grupo eu queria arranjar alguém capaz de treinar as mulheres para elas aprenderem bem e a coisa ir pra frente, mesmo. Mas como? Ainda não tinha ninguém pra ensinar certinho. Eu até tentei ensinar as mulheres, mas eu não tinha a prática de como fazer a coisa certa. Mas me lembrei que uma pessoa me disse que lá no Casarão do Jabre, no município de Maturéia, tinham umas jarras grandes e muito bem feitas de barro e que parece que a artesã era de lá de perto, mesmo. Então decidi ir a um almoço lá, porque lá tinha um restaurante... e não é que vi as jarras... Eram duas jarras grandes, bem feitas e bonitas... estavam lá de enfeite com umas plantas. Então eu procurei saber onde tinham comprado aquilo, pensando em chegar até a pessoa que tinha feito para conversar com ela, foi quando fui informada por alguém do Casarão que era de fabricação de uma senhora de um sítio, lá do Casarão pra lá, mas no município de Maturéia, mesmo. Então peguei o endereço e fui bater lá no sítio, na casa dessa senhora... pra minha surpresa encontrei a senhora em casa, perguntei a ela se aquelas jarras do Casarão tinham sido feitas por ela, ela disse que sim. Depois perguntei se ela fazia outros objetos de barro, ela disse que sim. Então falei para ela da minha intenção de organizar um grupo de mulheres em Brejinho para aprender a arte com o Barro, para trabalharem com isso e perguntei a ela se estava disposta a ensinar, ganhando por isso, é claro. Ela disse que sim, mas que não tinha como ir e voltar pra Brejinho todos os dias, pois não tinha transporte; só podia ir se eu arranjasse transporte de ida e volta pra estar em casa todos os dias. Então agradei a ela a atenção e disse a ela que eu voltava em breve pra acertar. Eu não podia acertar naquele momento, precisava garantir outras coisas por aqui, em Brejinho... Então voltei para Brejinho, acertei com a prefeitura municipal através do Conselho de Desenvolvimento Sustentável... e com o prefeito municipal, que era o meu irmão, que me garantiu que disponibilizaria recursos da prefeitura para pagar as diárias da mestra artesã até um mês e o carro para ir buscá-la de manhã e levá-la, à tarde, também estaria disponível. Então fui logo arranjar a casa que tinha lá onde hoje é o ateliê do grupo, pois soube que a dona era a mãe de três das

mulheres que eu já tinha chamado para formar o grupo e sogra de mais uma, uma grande conhecida nossa, e lá era um lugar ideal, pois já tinham essas quatro mulheres que moravam lá, vizinhas, assim não teriam desculpas pra não participar. A senhora dona da casa foi muito compreensiva e gentil e prometeu que a casa poderia ser arranjada para o trabalho, sim. Então logo reuni umas mulheres que já havia as convidado, falei que já tinha quase acertado com uma senhora que iria lhes ensinar o trabalho, uma casa para isso, comida se precisassem e que eu iria estar junto com elas. No outro dia fui novamente à casa da senhora mestra artesã lá no sítio em Maturéia e acertei com ela o preço das diárias, o transporte para levar e trazê-la todos os dias, já que ela queria voltar para casa... marcamos o dia de começar e voltei a Brejinho, agora para juntar as mulheres, que naquele início foram dezesseis ... eu chamava toda mulher que via nas calçadas e na rua sem ter o que fazer, que eu sabia que precisava de trabalhar, mas muitas não queriam não..., mas estas dezesseis toparam, sem acreditar, mas aceitaram. No dia marcado com a mestra artesã para começar, o carro foi buscá-la e na hora planejada eu estava lá na casa com todas as mulheres para recebê-la e começarmos os trabalhos. Foi assim que o grupo iniciou. E eu fiquei com elas no início. Eu também pegava no barro, tentei aprender, mas não aprendi não. Ainda bem que aquelas que quiseram, mesmo, aprenderam e hoje elas tão lá com o trabalho delas. Não foi bom pra elas? Eu queria ter formado outros grupos, mas... infelizmente, não foi mais possível continuar o trabalho. (Informação verbal)¹⁷.

Tudo isso ocorreu no final do ano de 2007, sob idealização, administração e impulso da secretária de educação do município naquela ano, a qual, pela sua proximidade com o prefeito municipal, irmão da mesma, conseguiu que ele acolhesse a ideia do empreendimento e disponibilizasse recursos públicos para pagamento dos dias de ensinamento da mestra artesã as futuras artistas e transporte dela de ida e volta ao seu município, isso por pouco mais de um mês. Durante o mês em que a mestra ficou com as Mulheres lhes ensinando detalhes da arte de modelar objetos com o barro, as protagonistas daquele início do empreendimento observam, muitas sem acreditar, outras com esperança, outras desanimando ou deixando o tempo passar para ver no que iria dar, conforme relato de uma das precursoras do grupo, líder do grupo do início até os dias atuais:

A gente ficava sem querer acreditar, umas davam risada, outras diziam que nós estávamos loucas, mas eu mesma decidi participar pra ver no que ia dar... um dia senhora, a mestra, me chamou pra fazer uma panela, eu disse que ainda não sabia, mas ela insistiu,

¹⁷ Entrevista com a ex-secretária de educação do município, idealizadora do grupo no ano de 2007. Brejinho, 30 de jun. 2016

então comecei a fazer, sem acreditar, sem saber ainda, mas comecei a fazer e consegui. A panela ficou meio torta, feia, sabe? Não era do jeito que ela fazia, mas sabe: eu fiquei muito feliz e surpresa com essa primeira panela que fiz. Depois fiquei com vontade de fazer outra pra ver se ficava melhorzinha, então fiz, ficou um pouco melhor e daí comecei a acreditar e levar a coisa mais a sério. (Informação verbal)¹⁸.

Conclui-se, portanto, que naqueles dias iniciais do grupo, em que todas as mulheres estavam juntas, inclusive sua idealizadora, com a mestra artesã, numa casa, cedida pela mãe de três das mulheres que participaram do Projeto, que passaria a ser o ateliê do grupo, local planejado para o aprendizado da arte, todas observando e acompanhando os ensinamentos da mestra, todas enfrentando os problemas circunstanciais daquela invenção, as dúvidas, os desafios, a falta de apoio familiar, os desânimos, também desejos, esperanças, etc. é que, se misturavam como a água no barro para dar a argamassa que originou o grupo de mulheres Art's e Barro de Brejinho composto inicialmente por 16 mulheres.

2.2. A primeira produção do grupo Art's e Barro

No início do ano de 2008 já havia se passado pouco mais de um mês de aprendizado com a mestra. Daquele tempo de aprendizado e de tantos desafios, muitos objetos resultaram, principalmente panelas, xícaras, potes, chaleiras, pratos, etc. Uma nova dúvida entre as mulheres surgia quanto ao que fazer com aquela produção, seria possível vender? Onde e a quem? Muitas não queriam mais continuar, mas queriam receber algo pelo que ajudaram a fazer, mas isso só ocorreria se houvesse a venda dos produtos. Como no mês de janeiro em Brejinho ocorre a tradicional festa do padroeiro, então tiveram a ideia de levar os objetos e disponibilizá-los em uma barraca na festa. Com ideia e apoio da idealizadora assim o fizeram e antes do último dia da festa venderam todos os produtos, para a alegria e surpresa de todas. Então pegaram o dinheiro e dividiram em partes iguais entre todas as participantes do grupo que ficaram até o fim do período de produção. Algumas decidiram continuar no grupo, pois já acreditavam que daria certo e assim ele perdura até hoje.

Esse processo é relatado pelas entrevistadas 1 e 2, veteranas do grupo:

¹⁸ Entrevista com a integrante 1 (um) do grupo Art's e Barro. Brejinho, 27 de jun. 2016.

Durante o tempo que a mestra ficou com a gente muita coisa foi feita, que foi um pouco mais de um mês... com muita dificuldade. Muitas mulheres desistindo, mas mesmo assim a gente fez muita coisa. A mestra ia fazendo mais a gente. Ela fazia pra gente ver, a gente fazia ela olhando e dizendo como fazer... e assim, no início do ano de 2008 a gente estava aí com uma produção grande. Muitas mulheres queriam já sair do grupo, mas queriam receber pelo trabalho delas antes. Mas como elas iam receber...? Só seria possível se a gente vendesse a produção e dividisse o dinheiro... mas como vender? Foi aí que a idealizadora deu a ideia de, como tem a festa de janeiro na cidade todo ano, então a gente devia levar a produção toda e botar numa barraca na festa pra ver se vendia. Era o único jeito pra resolver o problema. E assim fizemos..., e não é que vendemos tudo antes da última noite de festa! Os objetos não estavam muito bem feitos com são hoje não, sabe? Mas também não estavam tão ruins não, porque a gente estava sendo acompanhada e muitos dos objetos já tinham sido nós, mesmas, que fizemos. Menino, então pegamos aquele dinheiro, umas ficaram animadas..., eu mesma fiquei..., eu também. Mas outras não... umas queriam a parte delas para ir embora. Então fizemos uma reunião e decidimos dividir o dinheiro em partes iguais com todas e aí as que não quiseram ficar já foram embora e as outras ficaram para tocar o grupo pra frente. (Informação verbal)¹⁹.

Após a partilha do resultado da primeira produção do grupo Art's e Barro, as protagonistas do grupo não tinham mais a mestra, apenas o ateliê, o aprendizado de cada uma para continuar e o apoio da idealizadora para tal. Mas a partir dali o trabalho precisaria ser tocado, exclusivamente por elas, quanto a produzir os objetos, conforme relato das integrantes 1 e 2, juntas:

Aí fizemos uma reunião com todas e decidimos que iríamos continuar, e assim o fizemos, mas sozinhas erramos muito. Os objetos quebravam demais. Quando não quebravam antes da queima, quebravam quando íamos queimá-los. Era perda demais. Aí decidimos chamar a mestra de novo para ensinar a gente mais uns detalhes; só que agora a diária dela seria com pagamento do nosso bolso, a prefeitura ficou de nos ajudar apenas com o transporte dela. Aí ficou mais difícil e foi quando algumas outras Mulheres desistiram, ficaram só as que acreditaram muito e queriam aprender e levar o negocio para frente mesmo. Mas assim fizemos. A mestra ficou com a gente só uns dias mais. Aprendemos uns detalhezinhos que tínhamos esquecido ou que não prestamos tanta atenção antes. Finalizamos outra produção, queimamos e os objetos ficaram bem melhor, sem tanta perda. Vendemos os objetos pela cidade mesmo..., aos vizinhos, as pessoas que na frente da casa passavam e viam. Pegamos o dinheiro da venda, pagamos a mestra e vimos que era possível prosseguir sozinhas, com a responsabilidade de

¹⁹ Entrevista com as integrantes 1 e 2 do grupo Art's e Barro, sobre a primeira produção do grupo. Brejinho, 27 de jun. 2016.

fazer os objetos toda nossa. Não podíamos errar mais e queríamos seguir em frente. E assim fizemos. Agora só com sete mulheres para tocar a coisa pra frente. Mas ainda tínhamos a companhia e a orientação da idealizadora que sempre estava com a gente, mas já dizia a nós que o grupo era nosso, que a gente cuidasse das coisas, que a gente tinha condições de prosseguir. (Informação verbal)²⁰.

Durante esta fase as mulheres continuavam com algumas orientações e o acompanhamento da idealizadora, inclusive as incitando a seguir em frente com o projeto e o administrando, pois percebia nelas a possibilidade para isso e com administração própria delas, tanto que não interferia em decisões que elas achavam que deveriam tomar como se pode perceber no relato abaixo.

Eu via nelas que já tinham aprendido o essencial, que estavam unidas. Os primeiros frutos do trabalho já apareciam. Agora, então: já era hora de elas continuarem sozinhas. Eu não queria que elas pensassem que eu desejava interferir nas decisões e ações delas. Eu queria é que se sentissem independentes. Elas é que deveriam prosseguir com o trabalho delas. Eu não tinha mais o que fazer com elas e para elas, pois já podiam administrar e continuar sozinhas. Meu prazer é que aprenderam o trabalho e agora poderiam continuar com ele: isso para mim bastava. E que bom que elas entenderam isso e estão tão bem com o trabalho delas. (Informação verbal)²¹.

2.3. Art's e Barro: grupo formado, mulheres independentes e interligadas

A partir de janeiro do ano de 2009, a idealizadora não era mais a secretária de educação de Brejinho, nem seu irmão era mais o prefeito do município, mas o grupo de mulheres Art's e Barro de Brejinho continuou em desenvolvimento, a partir dali com 06 mulheres integrantes, decididas a trabalhar e se desenvolver mais na arte. Certamente as pioneiras do grupo Art's e Barro de Brejinho descobriram o que o autor descreve, a seguir: “Dentro da minha vivência e observação, vejo que o trabalho com o barro proporciona uma experiência geralmente prazerosa, que surpreende, ao mesmo tempo ‘fascina e é mágica’”. (CHIESA, 2004, p. 17).

Àquela altura as mulheres já perceberam, realmente, que o negócio estava com elas, porque era delas. Segundo relato da integrante II:

²⁰ Entrevista com as integrantes 1 e 2 do grupo Art's e Barro, sobre a decisão e consequências de se prosseguir com o empreendimento artístico. Brejinho, 27 de jun. 2016.

²¹ Entrevista com a idealizadora do grupo Art's e Barro sobre a sua orientação as integrantes do grupo para prosseguirem com o trabalho e administração do ateliê. Brejinho, 30 de jun. 2016.

A idealizadora foi muito importante na formação desse grupo. Ela nos botou dentro dessa casa e disse assim: o trabalho está aí. Aprendam e trabalhem. Mas pra gente no início foi muito difícil sem ela, porque a gente achava que ela ia continuar com a gente, que ela ia ficar resolvendo os problemas que aparecessem e que o grupo era dela. E muita gente em Brejinho pensava assim: que o grupo era dela. Mas depois a gente percebeu que ela não queria isso aqui não... que a gente é que tinha, mesmo, que se virar. Na verdade ela nos deu a vara e anzol e nos ensinou a pescar, agora era a gente que tinha que pescar. A gente é muito agradecida a ela. Ela fez muito por nós. Graças a ela a gente tem nosso trabalho. (Informação verbal)²².

Na continuação das atividades e da organização das mulheres, enquanto grupo, segundo informação da integrante 1 do grupo:

A gente percebeu que tinha que administrar o grupo, resolver os problemas, botar a coisa pra frente se não ia se acabar. Então, ainda por orientação da idealizadora a gente foi buscar parcerias que foram muito boas pra nós, como a Casa da Mulher do Nordeste²³. Esta que nos ajudou muito e ainda nos ajuda na organização, na nossa administração, com divulgação do nosso trabalho... e ainda nos encaminha pra feiras onde a gente participa e vende os produtos, como na Fenearte. E até projetos para adquirir esta casa, ampliar, comprar o forno atual, torno, foi a Casa da Mulher do Nordeste que ajudou. A gente também tem apoio da Prefeitura Municipal de Brejinho pra trazer o barro e a pedra sabão do campo, quando a gente vai coletar, isso em média duas vezes no ano. E também ela ajuda, quando a gente precisa, do carro pra levar os produtos pra uma feira que a gente participa todos os anos em Recife, a Fenearte que acontece sempre no mês de julho de cada ano. Tem vezes que a Casa da Mulher do Nordeste manda carro, noutras vezes não, aí quando a gente precisa arranjar pra isso, aí é a Prefeitura que nos ajuda com este transporte. E arranjar este carro agora está melhor, porque a gente nem precisa mais falar com o prefeito, a gente só vai a Secretaria de Ação Social do município e informa, com antecedência, o dia que vamos precisar e eles atendem. Então a gente também tem o apoio da Secretaria de Ação Social do município pra estes transportes. Temos apoio da Secretaria da Mulher do estado de Pernambuco, que nos apoia com a Fenearte, na organização e divulgação dos nossos produtos. E atualmente estamos com o apoio do Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Nordeste, que apoia com divulgação e outras orientações. (Informação verbal)²⁴.

²² Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro sobre sua percepção quanto a administração própria do grupo, por suas integrantes, sem a intervenção de sua idealizadora e o reconhecimento pelo empenho desta. Brejinho, 14 de out. 2016.

²³ Fundada em 1980, a CMN é uma organização não governamental feminista, cuja missão é fortalecer a autonomia econômica e política das mulheres, afirmando a agroecologia com base no feminismo e na igualdade racial

²⁴ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro sobre as ações tomadas pelas mulheres do grupo a partir da percepção de que a administração do grupo estava totalmente com elas. Brejinho, 27 de jun. 2016 e 14 de out. 2017.

O contato com a CASA DA MULHER DO NORDESTE – CMN, sediada em Recife, com escritório em Afogados da Ingazeira – PE, tem sido muito importante também porque através dele as mulheres do Art's e Barro de Brejinho interagem com mulheres de outros grupos de cidades diferentes, que também produzem algo visando trabalho, inclusão social e empoderamento feminino em seus lugares de origem.

Juntas as mulheres debatem sobre suas dificuldades, recebem orientações, aprendem novas coisas, divulgam seus produtos, organizam feiras, inclusive são assessoradas na elaboração de projetos para alavancar suas atividades, etc. Através de um destes projetos o grupo Art's e Barro conseguiu recursos para adquirir a casa onde está instalado, realizar uma reforma e ampliação desta, como também adquirir forno novo e um torno²⁵ para a modelagem dos objetos com mais rapidez, coisas que muito melhoram a produção do grupo e seu desenvolvimento, além de participação em feiras com exposição dos produtos e sua venda em capitais como Rio de Janeiro, Recife, etc.

Através da CMN as mulheres passaram a integrar outra organização associativa, a REDE DE MULHERES PRODUTORAS DO PAJEÚ - RMPP, a qual orienta as mulheres para a economia solidária, onde todas têm seus produtos e grupos divulgados local e fora das divisas do estado. Inclusive, foi a partir da associação à CMN e à Rede que as mulheres do grupo conseguiram participar da Fenearte (Feira de Artes de Recife) todos os anos, no mês de julho, e lá vendem tudo que levam, segundo informação da integrante 3 do grupo.

Eu fui escolhida para ir com os produtos pras feiras, quando tem. É porque as outras têm filho e aí fica mais difícil pra elas e eu também gosto muito de ir. Todo ano tem a Fenearte em Recife, é sempre no mês de julho. Aí eu vou e sempre vendi tudo que levo, antes mesmo do final da feira. Eu gosto muito porque já conheço tanta gente de outros grupos, de outras cidades. Lá a gente se encontra, conversa, troca ideias. E eu gosto porque só assim foi uma oportunidade que tive de sair de Brejinho e conhecer outros lugares. (Informação verbal)²⁶.

²⁵ Máquina provida de um eixo rotativo, sendo esta do grupo Art's e Barro, específica para modelar objetos de barro. O objetivo é tornar mais rápida a produção de objetos com o Barro. Contudo, o equipamento não foi aprovado pelas louceiras que preferem trabalhar manualmente.

²⁶ Entrevista com a integrante 3 do grupo Art's e Barro sobre a exposição e vendas dos produtos na Fenearte em Recife. Brejinho, 29 de jun. 2016.

Além da Secretaria de Ação Social do município de Brejinho, o grupo também têm o apoio da Secretaria da Mulher do estado de Pernambuco, através da qual tem seus trabalhos divulgados, apoio na Fenearte, contribuindo com a comercialização dos produtos e com a divulgação do trabalho das mulheres e do município de Brejinho. Mais recentemente o grupo está com o apoio do MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO NORDESTE – MMTR-NE, órgão que contribui com instruções e divulgação do trabalho de mulheres associadas na Região e tem sua ação voltada ao empoderamento feminino.

As mulheres têm independência para produzir conforme sua ideologia, suas crenças, suas ideias. A produção dos artigos de barro é realizada visando a complementação da renda familiar e não o lucro. Desse modo, a renda obtida volta-se para a reprodução social da família e para adquirir mercadorias necessárias para dar continuidade ao processo de produção de novos produtos. Dessa forma a produção artesanal do Art's e Barro de Brejinho não se encontra submetida à lógica do capital. Isso pode ser constatado também quando as mulheres abrem mão do torno resistindo a produzir em maior quantidade apenas para atender a demanda que certamente a absorveria, e quando resistem às propostas de expansão e fomento do empreendimento do SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE, para tornar o negócio mais rentável e competitivo. Segundo informação da integrante 2 do grupo:

Eu não gosto de usar o torno. Um dia veio um homem aqui ensinar a nós trabalharmos com ele, mas nós não gostamos. Ele é muito pesado. A gente perde tempo demais se formos trabalhar nele. A gente aprendeu a fazer assim... e as pessoas gostam do nosso trabalho. Quanto mais a gente produzir assim mesmo, a gente vende. (...) eles não entendem que a gente não tem interesse em crescer, em ser uma empresa... a gente quer apenas um trabalho pra atender as nossas necessidades pessoais e pronto. (Informação verbal)²⁷.

Certamente este comportamento tem muito a ver com a tradição camponesa, onde se originou cada mulher. Na agricultura camponesa não há a preocupação com o lucro, mas em obter uma renda que possa ser transformada em mercadorias que o camponês não produz ou para ampliar o número de bezerros e aves.

²⁷ Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro sobre a possibilidade de expansão na produção do grupo. Brejinho, 29 de jun. 2016.

CAPÍTULO 3

O PROCESSO DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS OBJETOS DO GRUPO ART'S E BARRO

Segundo Machado (1977), o trabalho com o barro, essa interessante arte que até hoje existe entre nós, tomando-se como exemplo o Brasil, não deixa de ser uma grande herança da cultura indígena e após várias pesquisas realizadas ela enfatiza que estas dão conta de que as mães índias faziam para seus filhos brinquedos de barro, além de objetos para uso doméstico, como gamelas, tigelas, alguidares e içaçabas (grandes potes) para uso funerário, por isso, acredita a autora, seja aquela época, talvez, a origem da arte com o barro, no Brasil.

Em nível mundial a instigante arte de se produzir diversos objetos com o barro, depois cozê-los no fogo, tornando-os com o fogo e com a delicadeza do autor, cerâmicas para diversos usos, é bem mais antiga e até milenar, conforme expressa o autor: “Perde-se na poeira dos séculos a memória das primeiras cerâmicas. Palavra que vem do grego – ‘keramiké’ – derivada de ‘keramos’, argila, a cerâmica veio da terra, não é de ninguém, pertence a todos”. Pillegi (1958, p. 3).

O mesmo autor continua explicando a origem da arte com o barro, segundo sua percepção fundamentadas nas suas pesquisas:

Não se pode determinar a época em que a cerâmica apareceu. Manifestação da inteligência e habilidade criadoras do homem surgiu quando se revelaram os primeiros sonhos de seu espírito, na conquista de perspectivas capazes de exaltar sua capacidade de empreender o trato com a natureza. Os arqueólogos admitem que a cerâmica nasceu quando o primeiro sêr (sic) humano despertou sôbre (sic) a terra. A própria lenda bíblica confirma a crença, pois o homem teria sido feito de barro.

Não se pode também determinar quando começou a ser empregado o método de uso do fogo para o endurecimento da louça de barro. Presume-se, porém, que isso se tenha verificado acidentalmente.

Acredita-se que as cerâmicas cozidas, encontradas quando foram efetuadas escavações no Vale do Nilo, remontam há 13 mil anos atrás. (PILEGGI, 1958, p. 5).

3.1. O processo de produção dos objetos de barro do grupo Art's e Barro

O processo de produção dos objetos de barro pelas mulheres do grupo Art's e Barro, conta com oito fases, abaixo descritas, conforme ensinamentos repassados a elas pela mestra artesã no início do grupo.

3.1.1. 1ª Fase do processo produtivo: a coleta da matéria prima.

São duas as matérias primas utilizadas na confecção dos objetos de barro do Art's e Barro de Brejinho: o barro ou argila e a pedra sabão, conforme segue:

a) o barro ou argila

As argilas são rochas sedimentares compostas de grãos muito finos de silicatos de alumínio associados a óxidos que lhes dão tonalidades as mais diversas. Elas podem ser encontradas em vales aluviais, muitas vezes formando barrancos nas margens dos rios. Pertence a família dos minerais filossilicáticos hidratados, aluminosos de baixa cristalinidade (SANTOS, 2009, p.1). São dois os tipos de argilas: argilas primárias, resultantes da decomposição do solo por ações físico-químicas do ambiente natural, através dos anos, apresentando-se normalmente na forma de pó; argilas secundárias, fruto da sedimentação de partículas transportadas através das chuvas e dos ventos, que se apresentam na forma pastosa ou de lama (SANTOS, 2009);

b) a pedra sabão

A pedra sabão ou esteatita é uma rocha metamórfica que apresenta as seguintes características: “é compacta, plástica, de baixa dureza e fina granulação, untuosa ao tato e facilmente riscada pela unha, encontrada nas tonalidades cinza, cinza azulado, cinza esverdeada, creme e creme avermelhado” (LIPPMANN; CASTILHOS; EGLER, 2007, p.2). Ela é constituída pelo talco, que é um polissilicato de magnésio hidratado com várias formas de uso que vão desde os usos artesanais e industriais (indústria cerâmica, têxtil, farmacêutica, de inseticidas, de cosméticos, de sabões, de tintas, de borrachas, de papéis e refratários) como na produção de esculturas, objetos decorativos e utilitários (LIPPMANN; CASTILHOS; EGLER, 2007).

O processo de coleta da matéria prima é relatado em detalhes pela entrevistada 1 do grupo:

Na fase da coleta do material a gente vai a campo pegar o barro e a pedra sabão. O barro a gente pega em um sítio aqui do município, mesmo... o dono deixa a gente pegar lá e não cobra nada pelo barro. Nesse trabalho a gente tem que escavar... é que o barro não tá logo na superfície não. É duro escavar... porque o barro é muito duro. Pra isso a gente leva enxada, picareta, chibanca e pá. Depois a gente devolve a terra jogada do lado pra dentro do buraco que a gente escavou pra tirar o barro... a gente tenta deixar o lugar do mesmo jeito. A pedra sabão também é muito trabalhosa pra se encontrar e não está no mesmo lugar do barro... é bem diferente e também muito dura. Ela a gente pega longe, noutro município, fica em Santo Aleixo, no município de Imaculada – PB. Também ninguém cobra da gente pela pedra sabão. Esses materiais precisam ser da melhor qualidade, não é qualquer barro, nem qualquer pedra sabão, senão a coisa aqui no ateliê sai tudo errado e o prejuízo é grande. E quando chega aqui, quando a gente tá quebrando o barro, tiramos dele tudo que não serve e que prejudicaria a produção, como pedras, raízes, terra... do mesmo jeito a gente faz com a pedra sabão. O material tem que ser puro, senão não dá certo quando a gente estiver modelando os objetos. (Informação verbal)²⁸.

A escolha da matéria prima é muito importante, pois dela depende a qualidade dos produtos.

3.1.2. 2ª Fase do processo produtivo: tratamento e transformação da matéria-prima bruta em massa argilosa.

Essa segunda fase se inicia depois do transporte da matéria prima até o local de trabalho ou conforme planejamento da produção, conforme relata a integrante 3 do grupo Art's e Barro:

Nessa etapa a gente machuca o barro até ele ficar bem fininho. Tiramos dele qualquer sujeira que a gente ver, assim como raiz, pedra, terra... A gente faz isso aqui mesmo, no piso cimentado, com enxada, marreta, pá... depois a gente ainda passa esse barro na forrageira e quando sai dela a gente ainda peneira em tela bem fininha... pra massa ficar bem fina, mesmo. Do mesmo jeito a gente faz com a pedra sabão, ela é mais dura, mas a gente quebra pra ficar só os pedacinhos, depois passamos na forrageira e depois peneiramos... aí temos também uma massa de pedra que fica bem

²⁸ Entrevista com as integrantes 1 e 3 do grupo Art's e Barro sobre a coleta da matéria prima para a produção dos objetos no ateliê. Brejinho, 29 de jun. 2016 e 14 de out. 2017.

fininha... igual a do barro. Pra depois misturarmos na fase seguinte e molharmos. (Informação verbal)²⁹.

Conforme a descrição, acima, da integrante 3 do grupo Art's e Barro, nesta fase do processo, no ateliê, as mulheres põem o barro e a pedra sabão no chão cimentado e se utilizando de uma marreta ou outra ferramenta os quebram em pedacinhos. A pedra sabão por ser mais dura que o barro, é preciso ser reduzida a grânulos ou seixos, também utilizando a marreta (Foto. 7).

Fotografia 7 - Integrante do grupo Art's e Barro quebrando a pedra sabão com a marreta. Ao fundo, bacias com barro já quebrado, no ponto de ser passado na forrageira.



Fonte: Facebook do grupo Art's e Barro. Acesso em 27 ago. 2016.

Nesta etapa são tiradas do barro e da pedra sabão algumas impurezas indesejadas, como raízes, fragmentos de rochas etc.

Depois das rochas estarem quebradas em pequenas partículas, são passadas na forrageira³⁰ (Foto. 8) para serem moídas, de forma que resulte em um material o mais fino possível. Por último ainda se passa a rocha triturada pela forrageira em um peneira de tela fina, obtendo-se assim uma massa argilosa.

²⁹ Entrevista com a integrante 3 do grupo Art's e Barro sobre a quebra do barro e da pedra sabão, transformando-os em massas argilosas. Brejinho, 29 de jun. 2016.

³⁰ Máquina cujo objetivo principal é triturar capim ou outros vegetais, tanto em folhas, raízes, caules ou grãos para alimentação de animais, principalmente bovinos, caprinos, ovinos, entre outros e que é utilizada no processo de produção de cerâmica para triturar a pedra sabão e a argila.

Fotografia 8 - Forrageira do grupo Art's e Barro.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 27 de jun. 2016.

O processo de transformação da pedra sabão em argila, as mulheres aprenderam no início da formação do grupo utilizando um pilão com mão de ferro, mas atualmente usam um martelo também com a cabeça de ferro (Foto. 7) e a forrageira. Ao final se obtém uma massa argilosa tanto da pedra sabão quanto da argila.

3.1.3. 3ª Fase do processo produtivo: a mistura da pedra sabão com a argila

A integrante 1 do grupo explica de forma muito clara essa fase do processo produtivo como se observa a seguir:

Essa é a hora que juntamos as massas de barro e pedra sabão... São três medidas de barro para uma de pedra sabão (Foto. 9). Não pode ser diferente, senão a massa não presta para a modelagem. Depois de bem misturadas (...) a gente vai molhando aos poucos até a mistura ficar como se fosse uma massa no ponto de fazer pastel (Foto. 10). Quando chega nesse ponto a gente guarda a massa em saco plástico na sombra por três dias... se não fizer assim não se consegue modelar o objeto com qualidade na próxima fase (Informação verbal)³¹.

Como deixa claro a integrante 1 do grupo, nesta fase entra um novo componente no processo de produção: a água. Esta vai ser misturada pouco a pouco à massa argilosa para lhe dar liga e homogeneizar as duas matérias-primas.

³¹ Entrevista com a integrante 1 e líder do grupo Art's e Barro sobre a preparação da massa com a qual serão modelados os objetos. Brejinho, 29 de jun. 2016.

Pode-se mesmo considerar a água como a terceira matéria-prima da confecção dos produtos de cerâmica do grupo Art's e Barro.

Fotografias 9 e 10 - Massa já misturada, antes de ser molhada; massa depois de molhada e amassada, pronta para a modelagem.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia no Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 15 de out. 2017.

O saco plástico é mais um objeto de trabalho utilizado para guardar o barro antes da fase de modelagem dos objetos. Como esclarece a entrevistada, guardar a massa argilosa em saco plástico e assim a deixar por três dias na sombra, sem abrir o saco para que ocorra a curtição do material, o que é indispensável para se ter uma matéria-prima de qualidade para a modelagem.

3.1.4. 4ª e 5ª fases do processo produtivo: a modelagem e a retirada dos excessos

É a integrante 2 do grupo que discorre sobre estas fases:

Com o barro na mão, ele preparadinho desse jeito, você faz o que quiser com ele... você é quem manda. O barro está aqui pra gente fazer o que imaginar com ele. Depois de feito o objeto, dependendo do tamanho..., a gente pega ele direitinho e coloca noutro canto, no dia seguinte a gente olha e dá o corte no que precisar. O corte é tirar dos objetos, com uma faquinha, os excessos de barro enquanto este ainda estiver meio mole... pra depois ficar melhor de ajeitar no acabamento. Depois disso, a gente coloca o objeto num lugar que ele fique coberto... por até quinze dias. Esse tempo é preciso antes de a gente dar o acabamento. (Informação verbal)³².

³² Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro sobre a fase em ocorre a modelagem dos objetos. Brejinho, 14 de out. 2017.

Ratificando o que a integrante descreveu acima e com base no acompanhamento do processo, constatamos que a massa curtida na fase anterior quando é retirada do saco de plástico está fria, com liga, ideal para que em pequenas quantidades, as artesãs, cada uma, manualmente, vá dando forma ao objeto que se deseja fazer. A partir deste momento desejos de construir panelas, pratos, xícaras, abajures, fruteiras, doceiras, potes, jarras, jarros, etc, se concretizam. Os produtos não são previamente desenhados, eles surgem de suas mãos, que é o instrumento de trabalho fundamental nesta fase, como fruto da imaginação. Por vezes ocorre de produzirem peças por encomenda e então o tipo é o cliente que escolhe. Abaixo as fotos. 11 e 12 exemplificam o processo de modelagem de uma panela.

Fotografia 11- Início da modelagem de uma panela por uma integrante do grupo Art's e Barro.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 14 de out. 2017.

Fotografia 12 - Continuação de modelagem da panela da fotografia 11.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 14 de out. 2017.

No mesmo dia de modelado, dependendo do tamanho, cada um dos objetos é retirado cuidadosamente de onde foi feito e posto noutra local, ao lado de outros. No dia seguinte a artesã observa sua arte e executa cortes, se necessários forem, ou seja ela elimina algum excesso de barro, algum detalhe desnecessário, ainda quando este está mole. Quando o objeto é de tamanho considerado grande pela artesã, ele não é tirado do local de modelagem no mesmo dia, ocorrendo o corte no mesmo local de sua modelagem. Depois dos cortes os objetos são cobertos com tecido opaco para que não recebam luz alguma, nem sereno, nem vento, sem nenhuma intervenção das artistas, assim permanecendo de quarentena por quinze dias, a depender do tamanho do objeto. Só a partir de então estarão aptos a dali serem retirados e trabalhados na próxima fase do processo de fabricação.

3.1.5. 6ª fase do processo produtivo: o acabamento das peças.

Partimos aqui também das explicações dadas pelas artesãs, no caso, as integrantes 2 e 3 do grupo Art's e Barro sobre a fase de acabamento das peças.

A gente descobre o objeto que deve estar bem seco (Foto. 13) e vai trabalhando ele, conforme a necessidade e o tamanho dele. A gente passa uma lixa pra tirar os excessos de barro, um cabo de colher, um pedacinho de pedra ou madeira, conforme o que precisar. Mas a lixa é quem dá o acabamento que mais precisa. Se o objeto for pequeno, como prato, xícara, algumas panelas... a gente senta no tamborete apoia o objeto numa perna, segura ele com uma mão e com a outra agente vai fazer o que é preciso no objeto. Se for um objeto grande a gente coloca ele em cima da mesa, fica de pé e vai fazendo o acabamento dele. E tem uns que a gente fica num tamborete e ele noutra ou tem outros que a gente não fica nem sentada nem em pé, como alguns potes ou outros objetos grandes que às vezes tem... a gente fica conforme a necessidade. Quando a gente tira todo o excesso ou mesmo durante isso a gente vai repondo e tapando alguma coisinha que fica, como um risco, um furinho... pra isso a gente usa um pouco da mesma massa que usamos pra modelar o objeto, um pano molhado, uma pedrinha ou um cabinho de uma colher... o importante é o objeto ficar sem marcas, sem tortura, sem baixas, sem excesso... bem bonito! Nessa fase a gente pega muito no objeto, esfrega ele todinho, às vezes com força... se ele não foi bem feito nas fases anteriores, por essa ele não passa não. Se passar por essa, tudo indica que ele passa pela seguinte, onde se dá o polimento e o brilho e vai para a última, a da queima. (Informação verbal)³³.

³³ Entrevista com as integrantes 2 e 3 do grupo Art's e Barro enquanto elas faziam o trabalho de acabamento do objetos. Brejinho, 27 de jun. 2016.

Fotografia 13 - Objetos secos, descobertos, antes do acabamento.

Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 27 de jun. 2016.

Os objetos modelados e secos possuem texturas grossas, com excessos de massa, às vezes com pequenos acúmulos em algum lado ou local, com marcas de dedos ou até com algumas pequenas torturas. Por isso todos os objetos precisam passar pelo processo de acabamento, que consiste em tirar arestas do objeto, deixando-o com o aspecto ideal da arte com o barro, do jeito que se planejou e que o cliente deseja.

Como foi explicado pelas artesãs, a fase de polimento das peças se inicia com o lixamento, para aparar as arestas, retirar os excessos e as marcas indesejadas (Foto. 14).

Tudo é feito com muito cuidado, pois um segurar errado, um esfregar forte ou uma queda pode danificar ou destruir o objeto e todo o trabalho até o momento é perdido.

A depender do tamanho da peça, as artesãs trabalham tanto sentadas em tamboretas ou cadeiras com a peça na mão, como em pé com as peças colocadas em cima de bancadas ou mesas e ainda trabalham sentadas com a peça colocada sobre outra cadeira (Fotos. 14, 15 e 16).

Fotografia 14 - Integrantes do grupo Art's e Barro dando acabamento em objetos.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 29 de jun. 2016.

Fotografia 15 - Integrante do grupo Art's e Barro dando acabamento em uma fruteira.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 29 de jun. 2016.

Fotografia 16 - Integrantes do grupo Art's e Barro dando acabamento em objetos.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 27 de jun. 2016.

Vale a pena chamar a atenção para os instrumentos de trabalho utilizados nessa fase do processo produtivo pela sua rusticidade: lixas, pedaços de faca, de talheres, de pedras ou de madeira, seixo rolado ou um pedaço de colher de alumínio.

O curioso desta fase é a forma como se comporta a artesã frente a sua arte, com muito cuidado e delicadeza, segurando o objeto com uma mão e com a outra o moldando, buscando imperfeições para corrigi-las. Este é o momento em que a arte moldada exige da sua autora a postura que a ela se adegue, caso contrário, a arte não finda como é o desejo da artesã. É também nesta que se ratificam as anteriores, pois se não foram bem executadas, o objeto modelado se quebra logo.

3.1.6. 7ª fase do processo produtivo: o polimento e o brilho

Depois de dado o acabamento vem o polimento das peças. Esta etapa é executada pelas integrantes 4 e 5 do grupo Art's e Barro, duas irmãs que assim descrevem o processo:

Aqui a gente pega as peças e vai polindo elas com esse óleo e essas pedrinhas... esse paninho é pra limpar os dedos... O óleo é de cozinha, mesmo. A gente coloca um pouco de óleo num prato e vai molhando essa pedrinha lisa aqui nele... e passando no objeto, por todo cantinho dele..., não pode ficar nem um cantinho sem polir. A gente passa até o objeto ficar bem lisinho e brilhando como aquele ali... Aqui o objeto tem que ficar bem bonito pra depois ir pro fogo e continuar bonito. (Informação verbal)³⁴.

Nesta fase, como frisaram as entrevistadas, cada objeto tem que ficar bem bonito, polido e brilhoso. Os instrumentos de trabalho são seixos de quartzo bem liso e o óleo de cozinha entra como mais uma matéria-prima. O brilho das peças nessa etapa é tão grande que é possível com a incidência do sol se ver nossa imagem refletida. É importante destacar que esse polimento exige muita atenção para que o brilho das peças não apresente deformações nem manchas. Nas fotos 17 e 18 abaixo, é possível observar os procedimentos de polimento e brilho.

³⁴ Entrevista com as integrantes 4 e 5 do grupo Art's e Barro enquanto elas faziam o trabalho de polimento e brilho dos objetos. Brejinho, 28 de jun. 2016.

Fotografia 17 - Na fase de polimento e brilho, integrantes do grupo Art's e Barro pulem e dão brilho em objetos.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 28 de jun. 2016.

Fotografia 18 - Integrantes do grupo Art's e Barro dando polimento e brilho em objetos.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 28 de jun. 2016.

3.1.7. 8ª fase do processo produtivo: cozimento dos objetos.

Depois de polido e com brilho alcança-se a fase do cozimento das peças. Esse processo foi a nós relatado pela integrante 1 do grupo que acondicionou os objetos no forno num dos dias da visita, da seguinte forma:

Agora a gente vai colocando cada peça direitinho, dentro do forno. As maiores e mais fortes a gente coloca logo embaixo, onde vai pegar mais fogo. Entre um e outro objeto e um por cima do outro, a gente vai ajeitando tudo que tem pra queimar até o limite que o forno

comporta. Os menores a gente coloca mais em cima. Tem que arrumar com muito cuidado, se não quebra com a temperatura ou com algum escorregar (Foto. 19). Às vezes um e outro objeto não fica bem cozido, vermelhinho, numa queima, aí a gente guarda ele pra colocar em cima dos outros, quando do cozimento seguinte... dessa vez, mesmo, nós temos objetos assim e vamos acondicionar eles agora. A gente presta bem atenção como ocorre cada cozimento, para quando acontecer um erro a gente saber porque foi e da vez seguinte mudar para não acontecer o erro de novo. Depois de tudo organizado a gente fecha a tampa do forno e coloca a madeira seca ali em baixo... de início lentamente, depois a gente vai aumentando a lenha e observando se pode intensificar o fogo, botando mais madeira ou se vai moderando (Foto. 20). Sobre a madeira que a gente usa no forno, essa a gente compra e é sempre de reflorestamento, que é a algaroba ou também madeira seca, de árvores mortas, que a gente compra de alguém que traga aqui pra gente, como a que vamos usar na queima de hoje. (Informação verbal)³⁵.

Fotografia 19 - Acondicionamento de objetos para cozimento no forno.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 14 de out. 2017.

³⁵ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro enquanto organizava objetos no forno para cozimento. Brejinho, 14 de out. 2017.

Fotografia 20 - Forno do grupo Art's e Barro em processo de cozimento de objetos.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 14 de out. 2017.

Conforme relato da integrante 1, acima, percebe-se que esta fase é, também, muito delicada. Trata-se da última fase do processo de produção das peças de barro, na qual a arte é testada e purificada pelo aquecimento do fogo, atribuindo ao objeto maior resistência e durabilidade. Nesta etapa é muito importante a forma de acondicionamento das peças e a temperatura do forno. As integrantes 1, 2 e 3, veteranas do Art's e Barro, são as artesãs que têm maior habilidade com esta arrumação. A principal matéria-prima usada nesta fase é a madeira que, como foi demonstrado, ou é de reflorestamento ou madeira seca cujo vendedor vem trazer na porta do ateliê.

O forno do grupo Art's e Barro é projetado para uma quantidade de objetos de forma tal que o aquecimento dure entre 7 e 8 horas. Contudo, não é esta medida de tempo a única condicional para a queima perfeita dos objetos, tanto que durante a queima a artesã responsável pelo aquecimento vez por outra abre o forno e olha para ver se pode atear mais fogo, reduzir, ou permanecer como estar por um tempo. O mais importante, após o correto acondicionamento dos objetos é a maneira como se inicia a colocação da lenha e se intensifica sua quantidade durante o tempo. Portanto, é uma fase que exige das artesãs que lidam diretamente com ela muita atenção, paciência e prática, conforme relata, abaixo, a integrante 3 do grupo Art's e Barro, responsável pelo aquecimento no dia da visita.

O fogo a gente vai colocando devagar, aos poucos... e à medida que for precisando eu vou aumentando, botando mais lenha. Vez por outra eu abro a porta e dou uma olhada ligeira como é que está lá

dentro... assim vou avaliando se aumento o fogo, se deixo como está ou se diminuo. A temperatura tem que ser na medida certa, nem a mais nem a menos. O tempo de fogo é de sete a oito horas, depende da lenha também, por isso tem que ter muita atenção. (Informação verbal)³⁶.

Tudo isso contribui para o sucesso da produção, pois no dia seguinte à queima no forno, quando a alta temperatura já está dissipada, as artesãs abrem o forno e desejam ver a produção perfeita, ou seja, objetos inteiros, resistentes, bonitos, com coloração vermelha, esta procedente do barro e da temperatura incidida sobre eles (Foto. 21).

Fotografia 21 - Abertura do forno pós cozimento e esfriamento dos objetos.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 15 de out. 2017.

Os objetos após abertura do forno são retirados um a um, postos numa mesa e cuidadosamente as artesãs vão fazendo limpeza em todos eles, pois eles saem do forno um pouco sujos de cinzas e fuligem do processo de queima (Foto. 22).

³⁶ Entrevista com a integrante 3 do grupo Art's e Barro enquanto esta intensificava temperatura através de lenha ao fogo no forno para cozimento de objetos. Brejinho, 14 de out. 2017.

Fotografia 22 - Objetos postos para limpeza pós-cozimento e tiragem do forno.

Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 15 de out. 2017.

Ao final desta fase os objetos de barro estão prontos para as artistas exporem no ateliê para comercialização local, ou nas feiras das quais participam, ou para entrega à clientela que encomenda.

Interessante comparar este processo de fabricação artesanal de louça de barro de Brejinho com o que se processava nos anos 70 do século XX na Serra do Talhado, em Santa Luzia e em Itabaiana na Paraíba. De acordo com o relato de Emilia Moreira que participou de uma pesquisa em 1971 e 1972 sobre a Ideologia e o Econômico da Cerâmica no Nordeste, coordenada pela antropóloga Madel Terezinha Luz, excetuando-se a mistura da pedra sabão com a argila, os procedimentos eram os mesmos. Os objetos de trabalho, além da argila eram ainda mais rústicos como caco de pires, pedaços de metal de fechar barris e pedaços de madeira. Os fornos eram muito rústicos feitos de barro na parte de trás do lado de fora da casa, e variava a forma como se posicionavam os homens e as mulheres no processo de moldagem das peças.

Na Serra do Talhado a argila era branca. As peças produzidas portanto, diferenciavam-se das de Brejinho pois eram esbranquiçadas e não tinham o mesmo brilho. Os homens escanchavam-se em bancos de madeira e colocavam a argila a ser moldada à sua frente. Já as mulheres sentavam no chão, cruzavam as pernas e colocavam a argila no meio delas, o que do ponto de vista simbólico dava a impressão da representação sexual do macho e da fêmea.

3.2. A comercialização da produção do grupo Art's e Barro

O grupo comercializa seus produtos atendendo a encomendas, de forma que ao final de cada cozimento, cerca de 50% de toda a produção já está vendida, bastando comunicar ao cliente para vir pegar o produto, segundo informou a artesã líder do grupo. As fotos. 23 e 24 apresentam objetos prontos para comercialização, dois dias após o cozimento.

Os objetos que sobram das encomendas ficam expostos no ateliê à disposição do comprador, sendo inclusive vendido para uso doméstico.

Importante lembrar que os objetos passados pela purificação da temperatura do fogo, que lhes atribui maior resistência e durabilidade, estão prontos para serem utilizados, quantas vezes se queira e se precise, inclusive sobre o fogo em fogão a gás, no cozimento de alimentos, no caso das panelas, doceiras, chaleiras entre outros, ou com água, no caso dos potes, jarras, xícaras, copos e outros. Até no forno micro-ondas se pode utilizar os objetos, segundo informou a integrante 2 do grupo, a qual afirmou que assim utiliza na casa dela. A seguir apresentamos algumas fotos representativas das peças e do ateliê.

Fotografia 23 - Objeto a ser comercializado, dois dias após o cozimento.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 16 de out. 2017.

Fotografia 24 - Objetos em processo de embalagem para entrega ao cliente.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 16 de out. 2017.

Fotografia 25 - Ateliê do grupo Art's e Barro com objetos expostos à venda.



Fonte: Acervo do autor. Ateliê do grupo Art's e Barro. Brejinho, 30 de jul. 2016.

Conforme foi demonstrado anteriormente, as artesãs do Art's e Barro comercializam sua produção também fora do município na Fenearte em Recife, onde vêm a cada ano conquistando espaço e divulgando até para fora do país a sua arte (Fotos. 26 e 27).

Fotografia 26 - Integrante do grupo Art's e Barro expando objeto do grupo na Fenearte -Recife, jul. 2016.



Fonte: Facebook do grupo: Art's Barro. Acesso em: 27 ago, 2016.

Fotografia 27 - Estande de vendas de produtos do grupo Art's e Barro na Fenearte em Recife, julho de 2016.



Fonte: Facebook do grupo Art's Barro. Acesso em: 27 ago. 2016.

A partir da recuperação desse processo passaremos a seguir a discorrer sobre o processo de inclusão social, econômica e cultural, ou seja, sobre o empoderamento das mulheres do grupo Art's e Barro.

CAPÍTULO 4

DE CAMPONESAS A ARTESÃS: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES COM A PRÁTICA ARTESANAL DA ARTE COM O BARRO

As mulheres do grupo Art's e Barro de Brejinho procedem todas do meio rural, do trabalho na agricultura camponesa, conforme já foi mencionado. A agricultura de base familiar desenvolvida em regiões semiáridas sujeitas a longos períodos de estiagens, as secas, não garante uma renda capaz de suprir as necessidades básicas das famílias, particularmente daquelas que não desenvolvem nenhuma prática de convivência com a seca nem são assistidas por nenhuma ONG ou nenhum movimento social.

Via de regra, até pouco tempo atrás, as mulheres camponesas se dividiam entre a atividade no campo, na casa e com os filhos sem receber qualquer remuneração. Os maridos ou os pais por sua vez, só conseguiam uma renda suficiente para atender as necessidades básicas do lar. Nos períodos de seca então, nem mesmo isso eles conseguiam e a situação de pobreza se agudizava.

Para além disso, nas décadas finais do século XX e início do século XXI, ainda havia um forte preconceito da população da cidade de Brejinho para com os camponeses. De fato, quando uma pessoa da zona rural de Brejinho dizia na cidade que era da roça, da agricultura, ou assim era conhecida, ela era tratada com desprezo, como inferior, insultada como matuta do sítio³⁷ e tachada como alguém que não sabia falar, se vestia mal, não tinha os recursos básicos para viver. Por conseguinte, mulheres como as veteranas do grupo Art's e Barro eram excluídas no ambiente citadino.

As atividades que desenvolviam na casa e no campo não lhes garantia uma renda, logo não podiam contribuir financeiramente para adquirir bens tão necessários para os filhos, para elas próprias ou para a família. Eram totalmente

³⁷ Alcinha atribuída a quem era da zona rural. Com sentido pejorativo e depreciativo da pessoa, apenas porque advinha do campo. Embora, no caso de Brejinho, pelo seu tamanho e pela maioria da população ainda residir no meio rural, essa má cultura não devesse acontecer, pois praticamente toda a população urbana tinha e tem vínculo com o meio rural. Trata-se de um preconceito que exclui os outros pelo lugar que moram e pela forma como ganham os meios de sobreviver, os quais, no caso da gente rural, plenamente honestos e exemplar.

dependentes dos maridos e pais. Eram trabalhadoras “invisíveis” pois não eram remuneradas.

Quando surgiu a oportunidade de sair do cotidiano da casa e do trabalho na roça e tentar aprender e desenvolver uma atividade que poderia lhes garantir autonomia e renda, as seis mulheres que formam o grupo veterano do Art’s e Barro não titubearam. Enfrentaram todas as dificuldades e conseguiram se constituir como um grupo de trabalhadoras independentes.

E assim o trabalho com o barro proporcionou a estas mulheres camponesas, sem perspectivas de emprego na cidade, uma nova fonte de renda, a aquisição de novas competências que lhes garantiram autonomia para viver em grupo, capacidade de gestão e de ampliação dos seus horizontes. Em outras palavras ao se constituírem em “artesãs” do barro essas mulheres ganharam empoderamento. Nesta perspectiva e enveredando no sentido do termo empoderamento para as mulheres, segundo Sardenberg, “... o empoderamento feminino cria as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais (...)” (SARDENBERG, 2006).

E conseguir empoderamento num espaço pobre e excludente como o município de Brejinho, sem infraestrutura suficiente para atender as necessidades básicas de seus munícipes, onde realidades como a desigualdade social, o machismo, a politicalha, o patriarcado excluem pessoas, sair do “status quo”³⁸ exige muita coragem e enfrentamento, exige desejo de querer mudar, sobretudo se a pessoa excluída é mulher, sem trabalho e sem perspectiva nenhuma para tal. O município de Brejinho – PE é o lugar onde sempre viveram muitas pessoas nas circunstâncias supracitadas, das quais algumas mulheres, no início de 2008 tomaram a decisão de mudar suas situações, de sair do “statu quo”, para isso se organizaram em grupo, buscaram parcerias, orientações e formaram o grupo de mulheres Art’s e Barro de Brejinho, pelo qual conseguiram trabalho, reconhecimento e empoderamento.

³⁸ Estado das coisas, das situações, dos fatos, estado em que as coisas se encontram. Pode-se correlacionar com o conformismo. Termo citado em palestra pelo pesquisador, historiador e professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, autor do livro *A Invenção do Nordeste*. Palestra proferida pelo autor no ciclo de debates contemporâneos da Paraíba 2017, no Espaço Cultural de João Pessoa, no dia 14 de setembro de 2017. Disponível em <http://pense.pb.gov.br/palestrantes>.

Empoderamento feminino é um termo muito utilizado nos tempos atuais nas relações sociais, sobretudo após a Organização das Nações Unidas (ONU) estabelecer no ano de 2000 este critério como o terceiro entre oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), o qual preconizava: “igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres. Este ODM foi fortalecido pela ONU em 2015, na reunião de cúpula da entidade em Nova Iorque, com representantes dos seus 193 Estados-Membros, os quais formalizaram a Agenda 2030, que cria e regulamenta 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) para serem praticados e alcançados pelos Estados-Membros até 2030, sendo o 5º ODS voltado para a mulher: “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD Brasil, 2015). A partir deste acordo, o qual foi fruto de luta das mulheres pela igualdade de oportunidades entre os sexos, o Brasil, como integrante da ONU e que aceitou o desafio, precisa, através da União, estados e municípios criar, implementar e difundir medidas que visem a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres.

Empoderamento feminino, segundo o estudo de gênero e diversidade na gestão educacional realizado por pesquisadores na UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA sobre o assunto, consiste em:

O termo empoderamento, um neologismo criado a partir da tradução do inglês empowerment, diz respeito aos processos através dos quais as mulheres se fortalecem, conquistando maior autonomia e controle sobre suas próprias vidas. Esse fortalecimento vem de dentro, mas políticas e programas podem contribuir “facilitando” o seu desencadeamento, criando condições que contribuam para a sua maior conscientização, para o desenvolvimento da autoconfiança, diversidade de escolha e maior acesso e controle sobre recursos para as mulheres. Não custa lembrar que é importante ter mulheres “empoderadas”, sobretudo porque as políticas de equidade de gênero, como quaisquer outras políticas de direitos humanos, são uma conquista que implica em uma redistribuição de privilégios e, assim, elas podem se “evaporar” caso não sejam sempre monitoradas, defendidas ou mesmo redefinidas, se necessário for. De fato, a conquista da equidade de gênero é um processo contínuo, até mesmo porque a vida social não é estática, as circunstâncias mudam e é preciso avaliar se a eficácia das políticas se mantém sob novas condições ou mesmo se políticas determinadas ainda continuam sendo necessárias – ou não (COSTA; RODRIGUES; PASSOS, 2011).

O conceito de empoderamento, segundo a professora Ana Alice Alcantara Costa, *in memoriam*, surgiu bem antes de a cúpula da ONU se reunir em 2015 para formalizar a Agenda 2030:

(...) surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos nos anos setenta, através da bandeira do poder negro, como uma forma de auto valoração da raça e conquista de uma cidadania plena. O termo começou a ser usado pelo movimento de mulheres ainda nos anos setenta. Para as feministas o empoderamento compreende a alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de subordinada das mulheres como gênero. As mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais (COSTA, 2000).

Segundo Costa (2000), este empoderamento decorre de um enfrentamento nas relações de gênero, ou seja, entre masculino e feminino, pois quando assim falamos nos referimos a poder. Na medida em que as relações existentes entre homem e mulher são desiguais, assimétricas, mantendo a mulher subjugada ao homem e ao conseqüente domínio patriarcal. Termo este último que dá origem a patriarcado, o qual, segundo a autora:

(...) é organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril) (COSTA, 2000).

Ainda segundo a autora:

Isso significa dizer que o domínio patriarcal (masculino) apresenta na sociedade distintas manifestações. Ele está presente no cotidiano do mundo doméstico e do mundo público. Não é preciso praticar a discriminação aberta contra a mulher ou a violência explícita para demonstrar sua presença na medida em que esse poder de gênero está assegurado através dos privilégios masculinos e das desigualdades entre homens e mulheres (COSTA, 2000).

Por isso a autora explicita que a necessidade do empoderamento das mulheres surge da percepção, por parte destas, do seu acesso restrito aos recursos econômicos e sociais e ao poder político, cujo resultado é uma distribuição muito desigual dos recursos entre os sexos. O que proporcionou um desencadeamento de luta das mulheres pela igualdade nas relações sociais e seu conseqüente empoderamento. E esta luta se tornou urgente, pois segundo a autora: “geralmente

as mulheres são vistas e tratadas apenas como provedoras do bem-estar da família ou como meio de bem-estar de outros, como mães e esposas, nunca como sujeitos autônomos com demandas próprias” (COSTA, 2000).

Fato este que, com a luta da própria mulher, vem cada vez mais se revertendo no século XXI no Brasil, inclusive em municípios tão pequenos e distantes dos grandes centros, como é o caso de Brejinho. Também se engana quem se apressa em pensar que empoderamento da mulher é algo que a deixa superior ao homem, ou que é isso que ela quer, ou mesmo em estado de competição com ele, pelo contrário, o empoderamento da mulher, além de proporcionar a ela a possibilidade de decidir, de escolher, de interagir com a sociedade em todos os seus aspectos, também acarreta ao homem empoderamento, pois os recursos que a mulher consegue pelo trabalho ela os utiliza para benefício da família, assim privilegiando o homem e a sociedade em que vive, compartilhando com responsabilidades, ações e ainda liberando o masculino de estereótipos de gênero. Por isso Costa (2000) enfatiza que o empoderamento da mulher traz a tona uma nova concepção de poder, inclusive assumindo formas democráticas, com construção de novos mecanismos de responsabilidades coletivas, de tomada de decisões e responsabilidades conjuntas.

A autora enfatiza isso quando expressa que: “empoderamento é o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de sua habilidade e competência para produzir e criar e gerir” (COSTA, 2000).

É nesta perspectiva de empoderamento que discorreremos sobre as mulheres do grupo Art's e Barro de Brejinho, cujas mulheres não tinham trabalho, nem independência, mas no afã de tê-los, se organizaram em grupo e iniciaram um aprendizado, que lhes tornaria protagonistas de uma nova história. No início sofreram preconceito, proveniente do machismo, da exclusão social, da discriminação por gênero, entre outros, mas resistiram e conseguiram se organizar em grupo, conseqüentemente conquistaram trabalho e renda, os quais lhes proporcionaram empoderamento. Pode-se assim ratificar porque com o trabalho as mulheres conseguiram se empoderar, isto conforme quatro aspectos principais: a) a

condição de gênero, pois se apresentam na sociedade como grupo exclusivamente de mulheres organizadas em prol de um trabalho; b) a condição econômica, haja vista atualmente elas deterem condições financeiras que lhes garantem autonomia no que fazer e o que fazer com sua renda; c) respeitabilidade conquistada pela organização do grupo e aceitabilidade de seu produto, tanto em Brejinho, como fora dele; e d) sociabilidade, ou seja, inclusão social. Isto é empoderamento feminino, na prática, o qual trouxe muitos benefícios para as mulheres, para suas famílias e para Brejinho.

Para o município porque este passou a ser divulgado e conhecido fora de suas divisas de forma nunca antes ocorrida, através dos produtos do Art's e Barro, algo procedente de uma história de luta e engajamento de mulheres brejinhenses que, através de seu trabalho e enfrentamento, podem ser colocadas como exemplos para outras pessoas que em seus lugares estejam passando pelos mesmos problemas sociais e de escassezes do básico para viver, como as mulheres do Art's e Barro outrora passaram.

Abaixo, relatos das três integrantes iniciais do grupo sobre suas conquistas sociais e econômicas, cujas conquistas podem ser consideradas como início e indício de seu empoderamento:

(...) tô trabalhando porque eu quero meu dinheiro... Minha vida mudou pra melhor, eu acho bom. Eu já conquistei muitas coisas depois disso... se eu comprar uma televisão, digamos, eu pago com meu dinheiro... eu tiro minha prestação e pago. Se eu for esperar por ele nós não temos a televisão, porque o dinheiro dele é pra feira, o que ele trabalha só dá pra feira... só dá pra fazer a feirinha e a gente não precisa só da feira. Eu pago prestação, eu pago farmácia, eu compro um calçado, uma roupa pra mim, pra minha filha... daqui... Pra ele, até pra ele às vezes eu compro também. Posso dar um presente de aniversário... uma roupa pra ele. E antes eu não tinha.... se eu comprasse eu pagava com quê? Só tinha o bolsa família, mas o bolsa família tinha que entrar pra compra da feira, não dava pra sobrar pra nada... só tinha o bolsa família. Hoje ele já complementa... já serve pra eu pagar na farmácia... têm vezes que estou devendo 100 (R\$) na farmácia, tiro 50 (R\$) dele (bolsa família) e 50 (R\$) daqui e pago... (Informação verbal)³⁹.

(...) antes era muito difícil, a gente não tinha nada, os pais da gente também não podiam dar. Eu trabalhava também na casa de família.

³⁹ Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro, enquanto esta modelava um novo objeto, falava, orgulhosamente, dos benefícios que o trabalho com o barro proporciona na sua vida e na sua família. Brejinho, 14 de out. 2017.

Hoje mudou muito... eu tenho com que comprar minhas coisas, ...daqui. Vou pra feira vender os objetos e acho é bom... vou todo ano pra fenearte em Recife, só não fui este ano..., já fui pro Rio de Janeiro... acho bom porque eu nunca tinha saído de Brejinho pra canto nenhum e agora eu saio... conheço outros lugares... tem tanta gente que eu já conheço por aí afora... (Informação verbal)⁴⁰.

Antes do grupo eu não tinha o que fazer, ficava só na calçada com os meninos... a casa da gente era aquele cumбуquinho assim bem pequenininho, hoje a gente já está numa mansão se comparada com a que era... reformemos aos poucos. A mudança foi grande... Se você ver como a gente dormia..., dormia com os três meninos num quarto só... Hoje tem quarto pra eles... comprei coisas que eu precisava... esse trabalho aqui ajudou em tudo. E agora que meu esposo tá parado faz um ano? (...) Tá parado de tudo, de tudo. Não tem serviço nenhum pra ele fazer... ele quer trabalhar... viaja, mas lá fora também não tem serviço... aí a gente tá vivendo daqui... (Informação verbal)⁴¹.

Portanto, o empoderamento procedente do trabalho das mulheres do grupo Art's e Barro, conforme acima citado, assim se caracteriza também por permitir a elas poder de compra e de decisões que beneficiam a família e desenvolvem o lugar, segundo relato da integrante 2 do grupo na informação verbal de número 39. As libertou do seu espaço antes limitado, como relata a integrante 3 do grupo na informação verbal de número 40 e do “cumbuquinho”, conforme relato da integrante 1 do grupo na informação verbal de número 41. Isso tudo as libertando da vida dedicada única e exclusivamente à roça e a casa para um novo mundo de oportunidades e de relações sociais diferenciadas, como será visto no próximo item, o que ampliou os horizontes da compreensão do mundo, as fez entender o significado de economia solidária e o sentido da resistência ao modelo capitalista de produção.

Esses aspectos conduzem o trabalho das mulheres, para além da independência e da inclusão social conquistadas. Suas ações levam em conta os três pilares do desenvolvimento sustentável: respeito ao meio ambiente, geração de renda e desenvolvimento do lugar. Os três pilares do desenvolvimento sustentável podem ser atribuídos as integrantes do grupo Art's e Barro, pois elas respeitam o

⁴⁰ Entrevista com a integrante 3 do grupo Art's e Barro, enquanto esta administrava o fogo no forno para cozimento da produção dos quinze dias anteriores. Brejinho, 14 de out. 2017.

⁴¹ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro, ela falando orgulhosamente dos benefícios que o seu trabalho tem proporcionado pra si e para a sua família. Brejinho, 14 de out. 2017.

meio ambiente, pelo uso racional dos materiais utilizados no processo de produção, pela renda que obtém pelo trabalho, este aceito e útil para a sociedade e o desenvolvimento do lugar com a renda gerada pelo trabalho, fomentando inclusive a economia do espaço brejinhense pelo poder financeiro que o trabalho proporciona as mulheres do Art's e Barro.

4.1. Parcerias e articulações

As parcerias e articulações desenvolvidas pelo grupo Art's e Barro corroboram para o empoderamento do grupo e das integrantes enquanto mulheres, conforme abaixo descrito por uma das integrantes do grupo:

As nossas parcerias ajudam muito... a Casa da Mulher do Nordeste... a Rede Produtora de Mulheres do Pajeú, a Secretaria da Mulher do estado, o Movimento de Mulheres produtoras do Nordeste... a gente aprende muito... eles divulgam o trabalho da gente, promovem feiras pra gente participar e vender... e muita coisa aqui no ateliê foi feita graças essas parcerias... A Rede Produtora de Mulheres do Pajeú nos orienta com o projeto..., a gente concorre e ganha ... como foi o caso dessa cobertura aqui onde lixamos os objetos..., do forno... que agora é um bem maior que o que a gente tinha e bem melhor... esse canto coberto que tá o forno... também foi que ganhamos..., aquele torno... Elas (as parcerias) nos orientam no sentido da economia solidária. (Informação verbal)⁴².

As parcerias mantidas pelas mulheres do grupo são partes integrantes e fundamentais no processo de inclusão social delas, pois impulsionam o fortalecimento do grupo e lhes proporciona condições de permanência no seu lugar de origem, contribuindo também para o desenvolvimento deste e da inclusão social de cada uma delas pelo trabalho e renda gerados.

Após o indispensável à consolidação do grupo, ainda no início do empreendimento, em 2008, suas integrantes se associaram a CMN, que contribui desde então com treinamentos, com um processo de conscientização das mulheres sobre questões de gênero e outras, com dicas de gestão, acompanhamentos quando necessários, divulgação etc. Posteriormente o grupo, através da CMN, se vinculou a RMPP, esta que proporciona as mulheres vínculo com outras mulheres

⁴² Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro, ela falando dos benefícios que o grupo tem adquirido com as parcerias. Brejinho, 14 de out. 2017.

de outros grupos na região através de encontros regionais, inclusive com todas as mulheres dos grupos, na sede da RMPP, em Afogados da Ingazeira - PE, como também encontros com as líderes de grupos com outras de regiões distantes, como o encontro anual em Recife e, às vezes, noutros estados do Nordeste, como Bahia, Ceará, Piauí. A RMPP funciona também como elo entre os grupos para fundamentar ações voltadas para o desenvolvimento sustentável.

A RMPP funciona também como elo entre os grupos de mulheres do Pajeú e empresas que fomentam o desenvolvimento de grupos como o Art's e Barro como o Banco Santander, a Aliança Empreendedora, o Banco do Brasil, a Petrobras, etc.

No ano de 2014, orientadas pela Rede, e após as mulheres do grupo Art's e Barro passarem por várias capacitações e acompanhamentos concorreram a um projeto de parceria com o Banco Santander e a Aliança Empreendedora, tendo obtido êxito. Os recursos obtidos melhoraram muito a produção do grupo na medida em que permitiram a ampliação do ateliê, com construção de novo espaço e cobertura de área externa (elas realizavam parte da produção do lado de fora, por falta de espaço), a aquisição de um forno novo e maior do que o que elas tinham, com local coberto onde o forno foi posto, e um torno para modelar objetos de forma mais rápida. Estas conquistas através do Banco Santander e da Aliança Empreendedora impulsionaram demais as atividades do grupo, permitindo mais conforto na forma de produzir das mulheres.

A RMPP é uma grande orientadora do grupo Art's e Barro e de tantos outros grupos existentes no Pajeú, inclusive direcionando estes grupos a outras associações e cuja orientação ocorre no modelo de produção da economia solidária⁴³, algo antagônico ao modelo capitalista de produção. A gestão da RMPP é de organização de Mulheres dos próprios grupos vinculados, inclusive a integrante 1 do Art's e Barro, líder do grupo desde o seu início, é hoje vice presidente da Rede. O grupo também está associado à SECRETARIA DA MULHER DO ESTADO DE PERNAMBUCO – SMEPE e ao MMTR-NE, ambos assistindo o grupo com

⁴³ Consiste numa forma diferente de produção do trabalho, na qual o que se vende, compra ou troca é para suprir as necessidades das pessoas, apenas. Na economia solidária uma pessoa integrante do processo de trabalho não pode explorar a outra. Não existe patrão, nem dono... se valoriza o corporativismo e a autogestão. Este modelo vem sendo apresentado como inovadora alternativa de produção de trabalho e renda e uma opção de promoção da inclusão social.

orientações administrativas, treinamentos, divulgações, realização de eventos; todas estas entidades voltadas para o modelo de produção da economia solidária.

4.2. Enfrentando as dificuldades e resistindo à subordinação ao modelo empresarial capitalista

Atualmente o grupo está com oito mulheres, seis veteranas e duas que se integraram ao grupo nos últimos três anos. Elas continuam a produzir os objetos de barro de forma manual e têm resistido a quaisquer formas novas de produção diferente, embora já tenham sido incitadas a tal, inclusive pelo SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE, conforme relato, abaixo:

A gente recebeu a visita de um pessoal do SEBRAE aqui... eles fizeram reunião com a gente... eles queriam implantar umas coisas aqui... transformar a gente em empresa... mas a gente viu que não era interessante pra nós não... aí dissemos a eles que não queríamos. A gente trabalha com o conceito de economia solidária, todos os movimentos são assim... de acordo com a orientação da Casa da Mulher do Nordeste e da Rede de Mulheres produtoras do Pajeú, da Secretaria da Mulher do estado(Informação verbal)⁴⁴..

Eles queriam transformar a gente em empresa, pra produzir muito... vender muito, mas nós não temos interesse nisso não... a gente só quer trabalhar pra o nosso sustento... não temos interesse em crescer, ser empresa... (Informação verbal)⁴⁵.

As parcerias feitas pelo grupo Art's e Barro, não exigem mudanças na forma de produção e de obtenção de renda, se preocupam na verdade que os grupos adotem o conceito da economia solidária no processo de organização da produção e do trabalho.

As mulheres do grupo Art's e Barro também são resistentes às mudanças, mesmo estas procedendo, às vezes, de orientações das instituições parceiras. Um exemplo é a não utilização do torno que elas adquiriram através do projeto realizado, o qual serviria para modelar as peças de forma mais rápida, aumentando a

⁴⁴ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro, ela falando da proposta do SEBRAE em implantar mudanças no grupo. Brejinho, 27 de jun. 2016.

⁴⁵ Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro, ela falando da proposta do SEBRAE em implantar mudanças no grupo. Brejinho, 27 de jun. 2016.

produção. Contudo, por considerarem o equipamento pesado e as peças nele moldadas menos perfeitas do que as que produzem a mão, se recusam a usar.

Após conversar com todas as artesãs e acompanhar o processo produtivo, percebemos que elas têm o desejo de produzir um pouco mais, pois a demanda pelos objetos está maior que a procura, sobretudo nos finais de ano e início de outro. Nesse período em que, segundo elas, a procura pelos objetos é grande, se elas tivessem mais peças venderiam muito mais. Inclusive no mês de janeiro ocorre na cidade a tradicional festa do padroeiro, onde teve lugar a primeira amostra e venda da primeira produção do grupo e onde a comercialização é grande, pois a cidade recebe muitos visitantes e estes querem comprar os objetos como afirma uma das artesãs entrevistadas.

Acho que se a gente produzisse mais vendia. E agora no final do ano e em janeiro sim... Na cidade vem muita gente de fora e a procura pelos objetos aumenta. (Informação verbal)⁴⁶.

No próprio ateliê, por este localizar-se à margem da Rodovia PE-110, saída de Brejinho sentido Sul, muitas vezes chegam pessoas olhando os objetos, por vezes querem comprar, mas não tem suficiente para vender. Os expostos são objetos de encomenda não disponíveis para a venda.

Mas o problema mais sério que o grupo está enfrentando é com as encomendas. Isto porque as pessoas encomendam o produto e demoram muito para vir receber e pagar. Isto atrapalha demais a dinâmica produtiva e financeira do Art's e Barro o que está levando as mulheres a ponderarem sobre esse tipo de comercialização como afirmam a seguir.

Um problema sério que a gente tá enfrentado é com as encomendas... muita gente encomenda, quando a gente tem o produto pronto liga pra pessoa... ela diz que vem buscar e não vem nem tão cedo...ou diz que só pode vim pegar tal dia... aí a gente fica esperando... nesse tempo chega gente aqui, vê os produtos, fica interessada pra comprar, mas a gente não vende porque aquele produto tá encomendado. E se a gente vender, como já houve caso, devido esperar meses, por isso vendeu... depois chegou a pessoa que encomendou, só que muito tempo depois dizendo que vinha

⁴⁶ Entrevista com a integrante 8 do grupo Art's e Barro, ela falando da possibilidade de vender mais se conseguissem produzir mais. Brejinho, 15 de out. 2017

pegar e não vinha ... aí ficou brava com a gente. (Informação verbal)⁴⁷.

(...) é, a gente precisa ver como vai ficar o caso dessas encomendas porque tem sido um caso sério pra gente... às vezes aí tem encomenda que a pessoa não vem pegar e fica aí quinze dias, um mês, mais... e não podemos vender. Na próxima reunião nossa vamos conversar com todos sobre este assunto pra ver como vai ficar. (Informação verbal)⁴⁸.

Outra questão difícil de ser resolvida é quanto ao tempo dedicado ao trabalho pelas mulheres que entraram depois da formação do grupo. Algumas têm filhos e só podem frequentar o ateliê quando eles vão para a escola. E ainda arcam com as responsabilidades domésticas. Outras não têm habilidade para trabalhar em todas as fases do processo produtivo o que torna mais lenta a produção. E há ainda a dificuldade de ampliar o grupo porque as mulheres aparecem pensando que se trata de um trabalho fácil e de ganho rápido. Quando percebem que as coisas não são tão simples, desistem.

Os depoimentos abaixo dão conta dessas dificuldades através da voz das próprias artesãs.

Um problema também é que tem mulher que não vem trabalhar todo dia, ou não trabalha o dia todo... e a gente não pode obrigar. Mas isso também faz com que a produção caia e falte produto pra gente vender. Tem gente que também tem mais prática em fazer uma coisa, outra não... não são todas que fazem tudo... aí isso também complica. (Informação verbal)⁴⁹

(...) novas integrantes também é algo muito difícil, pois quando alguém se interessa... não aceita as regras... aí não fica. Pensa que a coisa é mais fácil... e esse trabalho aqui não é fácil. A pessoa pensa também que vai ganhar mais e mais rápido... Ah! Isso também é muito difícil. (Informação verbal)⁵⁰

⁴⁷ Entrevista com a integrante 3 do grupo Art's e Barro, ela falando do problema enfrentado com a forma de venda dos produtos por encomendas. Brejinho, 14 de out. 2017.

⁴⁸ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro, também falando do problema enfrentado com a forma de venda dos produtos por encomendas. Brejinho, 14 de out. 2017.

⁴⁹ Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro, ela falando das dificuldades de se produzir mais para ter para vender. Brejinho, 14 de out. 2017.

⁵⁰ Entrevista com as integrantes 1 e 2 do grupo Art's e Barro, sobre as possibilidades e dificuldades de novas Mulheres se integrem ao grupo. Brejinho, 27 de jun. 2017.

Eu venho trabalhar na hora que dá... quando faço as coisa em casa... depois eu venho... às vezes chego nove horas, dez horas, aqui a gente trabalha assim... (Informação verbal)⁵¹

Como se pode perceber, o grupo é ativo, seu produto muito procurado e aceito, mas as integrantes precisam encontrar formas novas de lidar com os desafios, sobretudo porque a demanda pelos produtos delas aumenta, por ter qualidade, arte e beleza.

Após tantas entrevistas e acompanhamento do trabalho das mulheres do Art's e Barro, ficou a impressão de que elas ainda não se deram conta da importância do trabalho delas, para elas mesmas, para sua própria história, para a história da cidade e do município, do quanto o produto que fabricam é aceito pela sociedade. Portanto, seria mais vantajoso quanto ao aspecto sustentabilidade a autopercepção, por parte das mulheres que integram o Art's e Barro, da importância que conquistaram no âmbito do espaço local, regional e nacional, do novo espaço produzido com seu empoderamento, tudo decorrente do trabalho.

A opção de trabalhar com o conceito de Economia Solidária, adotado pelos grupos parceiros, talvez permita que seu conhecimento, adquirido no âmbito do saber popular, através de uma louceira antiga residente no município paraibano de Maturéia como foi dito, e aperfeiçoado através de outras capacitações passe para outras gerações e não seja apropriado pela lógica do capital e destruído. Isso na medida em que para produzir em quantidade empresarial, novas técnicas e tecnologias serão sem dúvida somadas ao fazer tradicional, retirando da produção a essência do saber popular e transformando-a para atender a lógica de maior produtividade e maior lucratividade. E as mulheres sem condição de competitividade com uma produção similar a sua, mas colocadas em maior quantidade no mercado e até por menor preço, podem vir a ter seu sonho de empoderamento destruído e acabar por se transformar em trabalhadoras para o capital.

Como bem o diz Fischer, “Os capitalistas não só modificaram o tear, instrumento de trabalho da mulher de origem rural, mas, (sic) também se apropriaram de seu saber (FISCHER, 2006, p. 24). A autora se referiu assim as

⁵¹ Entrevista com a integrante 5 do grupo Art's e Barro, ela falando das facilidades que tem enquanto trabalhadora integrante do grupo Art's e Barro. Brejinho, 28 de jun. 2016.

mulheres camponesas que detinham experiência acumulada na produção do tecido produzido em teares manuais tendo o fio de lã como matéria prima e que com o desenvolvimento da indústria este conhecimento foi transformado em trabalho/mercadoria com valor de troca, subordinando as mulheres ao assalariamento e a exploração.

O fato de as mulheres não aceitarem propostas de instituições que querem incrementar mudanças no processo de produção do grupo, deve decorrer também da origem de cada uma delas. Como já dito, todas procedem da roça, da atividade camponesa de subsistência, onde as pessoas se utilizam de práticas que uma complementa a outra, nunca se realiza uma atividade só. Cada processo de trabalho é iniciado e concluído por cada membro da família. Não se percebe uma divisão social do trabalho, mas uma divisão sexual do trabalho.

Ora, no modo capitalista de produção, cada vez mais a divisão social do trabalho se complexifica e se fragmenta ao ponto que é possível alguém só produzir uma peça de um produto e nem ter conhecimento do que é o produto acabado.

Essa percepção ainda não se introjectou no grupo de mulheres do Art's e Barro, por não possuírem ambição e ainda serem fortemente influenciadas pelo modo de vida e de trabalho camponês.

É importante deixar claro que as mulheres do grupo, todas, praticam alguma outra atividade que lhes complementa a renda, como costura, tricô, bordado por umas, criação de animais de pequeno porte por outras, agricultura quando chove por outras, isto devido à cidade ser pequena e as pessoas da zona urbana ainda terem, quase na sua totalidade, vínculo com o campo. As mais veteranas têm o grupo como sua principal fonte de renda, as três primeiras, sobretudo, como também as três posteriores, também veteranas, no entanto, as mais recentes ingressantes demonstram que a atividade no grupo é para elas algo complementar, não o que elas fazem fora dele.

4.3. Do espaço da desesperança ao espaço conquistado

É importante que as mulheres do grupo Art's e Barro continuem aprendendo a lidar com as dificuldades e do jeito que estas se apresentarem, começando pela

percepção da importância que tem o seu trabalho, para elas enquanto grupo e para o desenvolvimento do lugar. Isso porque o grupo foi para elas uma grande conquista, após tantos enfrentamentos: exclusão social, quebra de paradigmas, machismo, lá no início, quando muitas não tinham o que fazer e ouvindo o apelo da idealizadora do grupo, permitiram se organizar em grupo, aprender um trabalho e dele obter renda. Como abaixo descrito, não foi fácil enfrentar o descrédito contido entre entes da própria família e de outras pessoas.

Meu marido dizia que eu estava doida, que esse trabalho não ia dar em nada, mas eu dizia a ele que eu ia trabalhar... porque queria o meu dinheiro, por que precisava... ele não aceitava, mas eu insisti. Hoje ele aceita... vem até me trazer aqui, às vezes... hoje eu ajudo ele. (Informação verbal)⁵²

O meu não queria não, ficava danado comigo, foi difícil no começo, mas agora ele aceita. Com esse trabalho eu já comprei tanta coisa pra casa, já reformei a casa mais ele, ajudei... hoje ele não diz mais nada, mas foi difícil no começo viu... (Informação verbal)⁵³

Ela foi a enfrentante... a mãe... vou botar esses filhos pra trabalhar... botar o povo pra trabalhar... ela deu a vara, o anzol, a isca e ensinou a pescar... ela conseguiu o que queria, botar o povo pra trabalhar... depois foi embora... ela queria ajudar a ter uma coisa no município... mas a gente pensava que ela ia ficar aqui com a gente. Mas depois a gente percebeu que ela queria só ajudar... ela queria ajudar a ter um coisa no município... o povo também pensava que o grupo era dela, mas ela dizia que não, o grupo era da gente... ela encontrou mulheres com fibra, eram dezesseis mulheres no começo, ficaram cinco. Daí você ver que a coisa não foi tão fácil não. As outras já tinham alguma coisa... as que não tinham outra coisa, ficaram, eu mesma não tinha. (Informação verbal)⁵⁴

(...) ela nos chamou... (a idealizadora)..., começou ela mesma ensinando a nós... botava a mão na massa com a gente, aqui, trazia o barro e a pedra sabão no carro dela pra aqui..... depois arrumou a

⁵² Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro, ela falando das rejeições enfrentadas em casa, mesmo, em querer fazer parte do grupo no início. Brejinho, 28 de jun. 2016.

⁵³ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro, ela falando das rejeições enfrentadas em casa, mesmo, em querer fazer parte do grupo no início. Brejinho, 28 de jun. 2016.

⁵⁴ Entrevista com a integrante 2 do grupo Art's e Barro, ela falando de como foi o início do grupo com o apoio da idealizadora e com o que elas pensavam. Brejinho, 14 de out. 2017.

mestra pra ensinar a nós... ela tinha muito interesse... (Informação verbal)⁵⁵

Percebe-se que no começo foi muito mais difícil e a idealizadora, a partir de janeiro de 2009 não tinha mais apoio do poder público, pois seu irmão não era mais o prefeito. Então as mulheres do grupo a partir dali, se precisassem, teriam que se entender politicamente com os novos agentes políticos que administravam a cidade, não mais com aqueles que no início lhe deram alguma força.

Mas já estavam organizadas, inclusive vinculadas a CMN e como a integrante 2 relatou, acima, elas são mulheres de fibra. E também quando precisaram do poder público municipal para transporte do barro da zona rural até o ateliê ou mesmo transportar alguma vez o produto para alguma feira, concernentemente ao transporte, continuaram tendo este apoio, como até hoje o têm da PMB, através da Secretaria de Ação Social do Município. Portanto, obstáculos as mulheres do grupo sempre tiveram, mas aprenderam a se integrar, a se articular com entidades e órgãos que lhes podiam apoiar, como a CMN, a RMPP, a SMEPE, ao MMTR-NE ..., entidades e órgãos que de uma ou outra forma ajudam as mulheres com orientações de administração e articulação, a divulgar seus produtos, a vendê-los etc. Portanto, pelo histórico de luta, desafios e êxitos do grupo nestes dez anos, pode-se dizer que os naturais problemas ora enfrentados ou que possam acontecer, são apenas novas oportunidades de melhorias e desenvolvimento para grupo.

4.4. Gestão da vida e do trabalho do grupo Art's e Barro

São as próprias mulheres as gestoras, trabalhadoras, vendedoras e donas do dinheiro procedente das vendas. Para tanto se organizam da seguinte forma:

A gente decidiu em reunião que cada uma trabalhava conforme pudesse e quando entrasse pra trabalhar marcava a hora num caderno e quando saia também. Assim fica marcada a presença e hora trabalhada de cada uma..., quando é no fim do mês ou quando já temos um valor que dá para dividir para todas, aí a gente pega o caderno, soma as horas de todas... soma as horas de cada uma... e aí divide o valor que temos pra quantidade geral de hora... depois pela quantidade de hora de cada uma. Cada uma recebe conforme as horas que trabalhou. Tudo está marcado no caderno e todas

⁵⁵ Entrevista com a integrante 3 do grupo Art's e Barro, ela falando como foi o início do grupo com o apoio da idealizadora. Brejinho, 14 de out. 2017.

temos acesso ao que está escrito nele. O que compramos para o dia-a-dia vamos registrando nele e também as vendas que fazemos. Antes de dividirmos o valor descontamos o que gastamos com compra de alguma coisa, como lixa, lenha... E também separamos uma quantia e depositamos numa conta, pra formar uma reserva pra gente fazer alguma coisa que precise no ateliê, como foi pra comprar a forrageira, ajeitar uma parte do forno que precisava... Achamos justo dessa forma e assim e foi combinado com todas. O valor da hora trabalhada é igual pra todas, a diferença é a quantidade de horas trabalhadas por uma ou outra... o que também dá diferença no valor recebido. Tem mulher que trabalha todo dia... tá aqui de manhã e de tarde, mas tem umas que chegam mais tarde, sai mais cedo... às vezes não vem de manhã, como é o caso das duas mais recentes, porque elas têm crianças que estudam a tarde, aí de manhã elas ficam em casa... cuidando da casa e das crianças e pela tarde elas deixam os filhos na escola e vêm trabalhar... mas o valor da hora delas é igual a de todas. É assim que a gente divide o que ganha, compra o que precisa para a produção e se planeja para as necessidades. E quando uma não pode vim trabalhar por algum motivo, até por dias, desde que seja por um motivo justo, a gente deixa... quando ela puder voltar... vem e trabalha de novo. É o caso de uma que está com um problema de saúde, por isso não tá podendo vim, há dias, mas a gente entende, quando ela puder voltar ela trabalha. Só tem que ser um motivo justo... e só ganha quando trabalha. Já pra vender fora, nas feiras, a gente escolheu mais uma, porque ela não tem filhos, aí fica melhor pra ela sair e ela também gosta... pra vender aqui... eu vendo e ela também... é assim. A gente faz conforme o que é melhor pra cada uma. E Sempre que precisa a gente se reúne em grupo e decide as coisas. (Informação verbal)⁵⁶

Como as mulheres são orientadas pela RMPP, cujo fundamento produtivo é a economia solidária, junto com sua origem camponesa, elas não têm a ganância de uma ganhar mais do que a outra, de uma se tornar mais importante. Elas trabalham pelo prazer e pelo benefício que o trabalho lhes proporciona, sobretudo seu empoderamento enquanto pessoas, enquanto mulheres, a benefício de suas famílias e do desenvolvimento de seu lugar, o espaço brejinhense.

⁵⁶ Entrevista com a integrante 1 do grupo Art's e Barro, sobre como ocorre a administração do trabalho e das finanças entre as integrantes do grupo. Esta integrante, desde o início foi escolhida para ser a líder do grupo e assim tem sido até o dia desta entrevista. Brejinho, 27 de jun. 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito gratificante e honroso ter a oportunidade de concluir uma pesquisa sobre algo tão interessante, como é a luta das mulheres que compõem o grupo Art's e Barro de Brejinho, estas outrora excluídas socialmente, por falta de trabalho e assim de condições financeiras para aquisição de recursos básicos a sobrevivência, como itens de uso domésticos, de alimentação, de vestimentas, de saúde, até de gênero, etc. Mas que com o trabalho essas mulheres mudam suas histórias, ajudam a desenvolver o seu lugar, o município de Brejinho e o divulgam muito bem fora de suas divisas, se incluindo assim socialmente, pois pelo trabalho que conseguiram através da arte que não conheciam, conquistaram condições financeiras e reconhecimento social, situações estas que proporcionou as mulheres do grupo Art's e Barro emponderamento enquanto mulheres no seu lugar. Emponderamento que não se caracteriza em alguém ter mais poder que outrem, sobretudo quando se trata de empoderamento na esfera feminina, conforme definido pela ONU Mulheres 2016, abaixo:

(...) O empoderamento significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências (ou ter as suas próprias competências e conhecimentos reconhecidos), resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento. É, simultaneamente, um processo e um resultado. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são desprivilegiados socialmente. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU MULHERES, 2016).

O empoderamento das mulheres cuja dialética própria no espaço brejinhense se estudou, acarretou melhor condição de vida para elas e para suas famílias, conforme relatos no Capítulo 4, sobretudo com a condição financeira conquistada pelo produto do trabalho, esta que desenvolve, inclusive, o desenvolvimento do seu lugar, pois pessoas que antes não tinham condições de negociar, de comprar, agora tendo, o fazem no comércio local.

Aspectos contemporaneamente tão necessários às pessoas que se incluem socialmente, que empreendem um negócio são facilmente perceptíveis nas ações

do grupo Art's e Barro, como o cuidado com o meio ambiente, o desenvolvimento sustentável, a forma de gerir e dividir os lucros do trabalho e o relacionamento em rede, este último através de associações que ajudam o grupo a permanecer ativo, produtivo e promissor.

E o cuidado com o meio ambiente no processo de produção do grupo é algo distinto no lugar e em toda a região semiárida nordestina, pois enquanto tantas pessoas, por desconhecimento e necessidade, desmatam a caatinga para uso da lenha de espécies endêmicas do bioma, como a jurema preta, o marmeleiro e o angico para transformar estas madeiras em carvão para uso doméstico ou em energia nas indústrias locais, como padarias e outras, como em olarias e também no meio rural, como na criação de animais ou até como energia para cozimento de alimentos, na queima dos objetos no forno do Art's e Barro as mulheres cuidadosamente não se utilizam de madeira de desmatamento, e sim de madeira seca, de árvores mortas pela seca que assola o lugar, ou madeira exótica ao bioma, como a algaroba, esta procedente de cultivo destinado a atender especificamente as necessidades de combustão da indústria e da agropecuária. Além do cuidado de não se utilizar de madeira endêmica, as mulheres se orgulham em dizer que já plantaram árvores em proximidades do ateliê.

Quanto ao desenvolvimento sustentável este se sustenta nos três conceitos que lhe fundamentam: geração de renda, desenvolvimento social e uso racional dos recursos naturais utilizados no processo de produção.

A forma de gerir os recursos, de se programar para atender as necessidades especiais do empreendimento e o lucro do trabalho é algo muito exemplar nos dias de hoje, conforme relato de uma integrante do grupo no item 4.4. deste trabalho. Uma prova de que o associativismo, a união de pessoas em prol de um objetivo e a economia solidária podem mudar as relações entre pessoas e fazê-las produtivas, empreendedoras e empoderadas. Esta organização própria e consensual das mulheres que integram o grupo Art's e Barro se fortalece com as associações às quais elas são vinculadas, segundo descrito no item 4.1., o que faz com que o grupo esteja neste final de ano completando seus dez anos de existência.

Oportunidades de melhorias, assim como em quaisquer empreendimentos, no grupo Art's e Barro também existe, pois, mesmo com o sucesso e a respeitabilidade

que as mulheres do grupo conquistaram através do produto do seu trabalho, na fabricação de objetos de barro, muito bem modelados e terminados, algo encantador para quem ver e gosta deste tipo de arte, foi percebido durante as pesquisas de campo realizadas no ateliê e nas várias entrevistas com as integrantes do grupo que elas precisam tomar decisões que gerem maior produção e maior comercialização, o que é possível sem grandes esforços ou novas invenções.

Acreditamos que há a necessidade de aumento do número de artesãs que trabalham em tempo integral participando de todas as etapas do processo produtivo; isso já faria uma grande diferença. Igualmente precisam pensar em implementar uma forma de fazer com que o cliente que encomenda um objeto antecipadamente, se comprometa em pegar seu produto no primeiro dia após a fase de cozimento, seguido da comunicação feita pelas mulheres. Caso contrário este objeto seria disponibilizado para venda no ateliê, a partir do dia seguinte. Esta ação deveria ser documentada através de um Termo de Compromisso.

Portanto, faz-se necessário e urgente que as mulheres do grupo Art's e Barro agora com o novo espaço conquistado, com a aceitabilidade de seus produtos pela sociedade, repensem sua forma de trabalho e disposição para ele, ajustando detalhes de disciplina em prol de uma reorganização própria, para que implemente a produção, a comercialização e o atendimento a clientela, já que, pelo que se percebeu, a procura pelo produto do grupo está maior que a produção. No entanto, entendemos e concordamos com as mulheres que isso possa acontecer sem que elas tenham que se submeter às leis de mercado para sobreviver. E repetimos: não se faz necessário aderência ao modo de produção capitalista para que as mulheres vendam mais e ganhem mais, cujo modo capitalista consiste em produzir mais e mais, para vender mais e mais, a cujo modo as mulheres do Art's e Barro não precisam se curvar para continuarem com o sucesso que têm e conseqüentemente suprir suas necessidades diárias. Entendemos que o modo de produção atual, artesanal, das mulheres do Art's e Barro é responsável, inclusive, por tanta aceitabilidade do produto na sociedade, pela qualidade atribuída delicadamente a cada objeto produzido e admiramos a forma de economia solidária praticada pelas integrantes do grupo quanto ao partilhamento remuneratório a cada uma conforme seu tempo de trabalho.

As parcerias que o grupo conquistou foram e são essenciais desde o início dele para sua existência, como a PMB, a CMN, a RMPP, a SMEPE, o MMTR-NE, etc. O conceito de economia solidária como ideia de produção e renda das mulheres, repassado principalmente pela CMN e a RMPP é muito inerente à forma de produzir das mulheres dos Art's e Barro, peculiar as suas origens camponesas, que não têm ganância em ter nem de aparecer, logo não precisam se sujeitar ao modelo capitalista de produção.

Almejamos que o grupo de mulheres Art's e Barro de Brejinho conquiste mais mulheres comprometidas com a sua produção e existência, em benefício próprio e social. Como também desejamos que o grupo continue se reorganizando em prol da produção, da comercialização e do encantamento da sua clientela. Isto para que em breve possamos nos encontrar novamente, em um novo trabalho científico, e o Art's e Barro de Brejinho esteja ainda melhor e próspero com as suas integrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição Federal, 1988

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHIESA, Regina Fiorezzi. **O diálogo com o barro: o encontro com o positivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 110 p. (Coleção Arteterapia).

COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva. *Gênero e diversidade na gestão educacional*. Salvador: UFBA-NEIM, 2011. 125 p.

CRUZ, Álvaro Ricardo de Souza. **O direito à diferença: as ações afirmativas como mecanismo de inclusão social de mulheres, negros, homossexuais e pessoas portadoras de deficiência**. 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2005.

FISCHER, Izaura Rufino. A situação da mulher na sociedade. In: FISCHER, Izaura Rufino. *O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massarandura, 2006, p. 21-49 (texto); 50-51 (notas).

GONDIM, Lúcia. *Pesquisa em Ciências Sociais*. Fortaleza, EUFC, 1999.

LIPPMANN, Otto Carlos; CASTILHOS, Zuleica Carmem; EGLER, Silvia Gonçalves. Caracterização de Particulado em Artesanato em Pedra-Sabão na Região de Mata dos Palmitos, Ouro Preto-MG. In *Anais da XV Jornada de Iniciação Científica – Rio de Janeiro: CETEM*, 2007.

MACHADO, Clotilde de Carvalho. **O Barro na Arte Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1977. 216 p.

MORAIS, Franklin de. Estudo hidrogeológico sucinto para a locação de poços nas localidades de São Joaquim e Mussambê - Brejinho/PE. Recife: CPRM, 1999.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Martins, 1958. 300 p.

ROSANVALLON, P. **A nova questão social: repensando o Estado-providência**. Brasília, DF: Instituto Teotônio Vilela, 1998 (Original de 1995).

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1980.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva feminista**. Salvador: NEIM/UFBA, 2009.

Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no pró-gavião de Vitória da Conquista, 1., 2000, Vitória da Conquista. *Pró-Gavião: programa de desenvolvimento comunitário da região do rio Gavião*. Vitória da Conquista – BA: UFBA, 2000. 46 p.

SILVA, Elisângela Samara da. As entrelinhas da inclusão/exclusão social na atualidade: uma discussão conceitual. V Jornada Internacional de políticas públicas, São Luis, MA, 2011.

Pesquisa em sites:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-09/paises-adotam-na-onu-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 07 nov. 2017.

<http://www.bde.pe.gov.br/site/ConteudoRestrito2.aspx?codGrupoMenu=450&codPermissao=5>. Acesso em: 21 set. 2017.

<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/post-2015/>. Acesso em: 07 nov. 2017.

http://brejinho.pe.gov.br/a_cidade/historia. Acesso em: 09 set. 2017.

<https://www.casadamulherdonordeste.org.br/quem-somos.php>. Acesso em: 22 out. 2017.

CASTELLS, Manuel. El capitalismo de la información y la exclusión social. Discurso pronunciado en la Conferencia de UNRISD sobre Tecnologías de Información y Desarrollo Social, 1998. Disponível em: <<http://www.unrisd.org/espindex/publ/news/19esp/castnews.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/brejinho/panorama>. Acesso em: 09 set. 2017.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/brejinho/historico>. Acesso em: 18 set. 2017.

http://eventos.sistemas.uems.br/assets/uploads/eventos/88a59795508e69486b5c940014affe2c/anais/2_2016-11-13_15-23-41.pdf. Acesso em: 26 out. 2017.

SCOREL, Sara. Exclusão social. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/excsoc.html>. Acesso em: 15 out. 2017.

http://www.ipa.br/indice_pluv.php#calendario_indices. Acesso em: 21 set. 2017.

http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 03 out. 2017.

<http://www.mmtrne.org.br/quemsomos.html>. Acesso em: 26 out. 2017.

<http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>. Acesso em: 29 out. 2017.

<http://paineis.cgu.gov.br/index.htm>. Acesso em: 25 set. 2017.

<http://www.pe.gov.br/secretarias/secretaria-da-mulher/>. Acesso em: 29 out. 2017.

PICRATE. A l'exclusion. Disponível em <http://www.perso.wanadoo.fr/PICRATE.picrate/exclusion.html> Acesso em 10, out., 2017.